

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
LINGUAS ARTES E LITERATURA (LAL)

**HOMENAGEM “A MANOEL DE ARAÚJO CARNEIRO” (MEU PAI):
PROSEGUINDO A HISTÓRIA DE RODRIGÃO XAKRIABÁ**

Zezuel Gomes de Araújo

BELO HORIZONTE

Setembro de 2020

ZEZUEL GOMES DE ARAÚJO

**HOMENAGEM “A MANOEL DE ARAÚJO CARNEIRO” (MEU PAI):
PROSSEGUINDO A HISTÓRIA DE RODRIGÃO XAKRIABÁ**

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciado do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Língua, Artes e Literatura.

Orientador: Carlo Sandro de Oliveira Campos

BELO HORIZONTE

Setembro de 2020

Dedico este trabalho aos meus familiares, ao meu pai Manoel de Araújo Carneiro (em memória), à minha mãe, Enedina Gomes Carneiro, à minha esposa Maria Santa Gomes Bizerra de Araújo, aos meus filhos Maik Suel Gomes de Araújo e Cíntia Eloany Gomes de Araújo, aos meus irmãos e aos meus avós, aos entrevistados José Gomes de Oliveira, Nelson Gomes de Oliveira e Hercília Ferreira de Oliveira, a todo o povo, caciques e lideranças Xakriabá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado durante toda essa jornada, que se iniciou a partir do momento em que fui contemplado no vestibular, e também por ter me mantido firme em todas as etapas dessa graduação. Aos meus pais, Manoel de Araújo Carneiro (em memória) e Enedina Gomes Carneiro, que sempre me apoiou nos momentos difíceis que enfrentei durante esses períodos em que estive fora da aldeia;

Aos entrevistados José Gomes de Oliveira, Nelson Gomes de Oliveira e Hercília Ferreira de Oliveira, por terem disponibilizado seu tempo nas entrevistas, em especial à família de Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão);

A toda a comunidade, aos caciques Xakriabá e às lideranças Xakriabá, pelo apoio e confiança na minha pessoa;

Deixo aqui meu agradecimento ao colegiado do FIEI, por buscar sempre a melhor solução diante dos momentos de dificuldades. À servidora Luciana, pelo carinho, aos bolsistas que não mediam esforços em nos ajudar. A todos os professores do FIEI, em especial aos da turma LAL, pela força dada e pela preocupação que sempre tiveram com cada estudante. Agradeço à professora e coordenadora Dra. Maria Gorete, pela seriedade com que conduziu a turma, e pelo apoio que sempre deu à turma LAL.

Quero aqui agradecer meu orientador, Carlo Sandro de Oliveira Campos, por ter tido paciência em toda a construção deste trabalho, que foi muito difícil, mas, com força e muita determinação, consegui chegar até o final.

RESUMO

Esse trabalho foi desenvolvido a partir dos escritos deixados por Manoel de Araújo Carneiro e de entrevistas realizadas com anciões do Território Xakriabá, o qual está localizado nas proximidades do Rio São Francisco no Município de São João das Missões, Norte Minas Gerais. Os registros deixados por meu pai evidenciam a história de luta do Cacique Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão). Eles permitem entender a participação de Rodrigão no processo de demarcação da Terra indígena Xakriabá e a sua importância na organização social e cultural do povo. Além de trazer um viés diferente de histórias já contadas a respeito do Cacique, o texto relembra e conseqüentemente valoriza outros nomes que foram importantes para a comunidade Xakriabá. A pesquisa realizada procurou levantar informações sobre meu pai, Manoel de Araújo Carneiro, e sobre o texto deixado por ele, o escrito sobre Rodrigão. A pesquisa procurou também identificar as realizações do Cacique Rodrigão mencionadas nos escritos do meu pai. Depois de identificadas, procurei saber mais sobre elas a partir de conversas e entrevistas com parentes de Rodrigão e com os habitantes da Terra Indígena. Quando foi possível, fontes bibliográficas foram consultadas. Relembrar essa trajetória é uma forma de cuidar para não perder o registro deixado por Manoel de Araújo Carneiro e permitir que outras pessoas tenham acesso ao mesmo, além de ser uma homenagem ao meu pai.

Palavras-chave: Xakriabá, Manoel de Araújo Carneiro, Cacique Rodrigão, Terra Indígena, história, homenagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS	8
OBJETIVO GERAL	8
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
JUSTIFICATIVA.....	9
METODOLOGIA	10
CAPÍTULO 1 - O POVO XAKRIABÁ E A SUA HISTÓRIA	13
1.1 O TERRITÓRIO XAKRIABÁ	16
1.2 ASPESCTOS DO RELEVO E DOS BIOMAS DA T. I. XAKRIABÁ.....	17
1.3 ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE XAKRIABÁ	17
CAPÍTULO 2 - MANOEL DE ARAÚJO CARNEIRO (MEU PAI)	19
2.1 INÍCIO DO TRABALHO COMO AGENTE DE SAÚDE	21
2.2 A ESCRITA DO TEXTO SOBRE RODRIGÃO (CARNEIRO, 2004).....	22
2.2.1 A RECUPERAÇÃO DOS ESCRITOS DE CARNEIRO (2004).....	24
2.3 A FORMA DO ESCRITO DE CARNEIRO (2004).....	25
CAPÍTULO 3 – AS LIDERANÇAS XAKRIABÁ E O CACIQUE RODRIGÃO.....	29
3.1 A LUTA DE RODRIGÃO.....	32
3.2.1 RODRIGÃO E A POLÍTICA	36
3.2 A MORTE DE RODRIGÃO.....	37
3.3 O LEGADO DE RODRIGÃO	39
3.4 ESTRATÉGIAS DE LUTA DO POVO XAKRIABÁ	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
6. ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os escritos deixados por meu pai, Manoel de Araújo Carneiro, como uma homenagem escrita ao cacique homônimo Manoel Gomes de Oliveira, conhecido também como Rodrigão. Ao apresentar o texto de Manoel de Araújo Carneiro, o trabalho procura narrar a relação do cacique Rodrigão com a comunidade Xakriabá e relacionar os eventos mencionados por Manoel de Araújo Carneiro com lembranças que tenho de infância e com depoimentos de membros da comunidade Xakriabá que foram entrevistados ao longo da pesquisa que ora apresento escrita de modo a ampliar o conhecimento histórico sobre o povo Xakriabá e suas lutas políticas para o reconhecimento do povo Xakriabá e para a garantia dos seus direitos. Direitos estes que foram adquiridos através de muitas lutas no decorrer de sua longa carreira em que atuou como cacique e também por meio da política na qual conquistou grandes vitórias, sempre buscando melhorias para o povo xakriabá. Rodrigão se tornou uma referência na terra Xakriabá e mesmo fora dela, por ser um homem preocupado em defender os direitos dos Xakriabá e que honrava seus compromissos. Meu pai, Manoel de Araújo Carneiro foi um, entre muitos guerreiros, que acompanhou e teve participação no período de luta pela terra no território Xakriabá. Ele tinha uma grande admiração pelo trabalho do Rodrigão e, nas épocas de política, era uma das pessoas que fazia questão de apoiar ao nosso saudoso Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão).

Neste trabalho, fica evidente a relação do grau de parentesco muito forte em relação aos entrevistados e a mim como autor, por exemplo, Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão) filho de João Antônio Gomes de Oliveira e Leonida do Carmo de Oliveira, era casado com Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira. Portanto José Gomes de Oliveira e Rosa Gomes de Oliveira citado nesse trabalho são filhos do casal. Já a D. Hercília Ferreira de Oliveira é citada como sobrinha do Rodrigão, porque seus pais eram irmãos, então essa proximidade de parentesco explica a relação do Rodrigão com a D. Hercília.

Manoel de Araújo Carneiro era filho de Satiro de Araújo Carneiro e de Otaviana Rosa de Jesus, era casado com Enedina Gomes Carneiro, minha mãe. No entanto Manoel de Araújo Carneiro e Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira são citados como irmãos por serem filhos de Satiro e Otaviana. Nesse caso, como autor deste trabalho, sou então filho de Manoel de Araújo Carneiro e sobrinho do casal Rodrigão e Rosalina, sendo portanto primo dos seus filhos.

Quando cito o Professor Nelson Gomes de Oliveira, como tio é devido também pelo grau de parentesco por parte da minha mãe, pois o pai de Nelson Gomes de Oliveira é irmão da minha avó. Sendo assim, os pais de Nelson e Enedina minha mãe, são irmãos, portanto nas nossas famílias consideramos e preservamos as tradições deixadas por nossos ancestrais. Daí a consideração de Nelson Gomes de Oliveira como meu tio.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar os escritos de Manoel de Araújo Carneiro (meu pai) e ao mesmo tempo resgatar a história de vida do Cacique Manoel Gomes de oliveira, conhecido pelo povo Xakriabá como Rodrigão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar uma breve biografia de Manoel de Araújo Carneiro (meu pai);
- Analisar o escrito deixado por Manoel de Araújo Carneiro a respeito de Rodrigão e sua atuação política;
- Discutir e argumentar sobre a atuação de Rodrigão e de outras lideranças em favor da comunidade Xakriabá a partir dos escritos de Manoel de Araújo Carneiro, contrapondo os temas abordados com lembranças minhas de infância e com o ponto de vista de pessoas da comunidade Xakriabá a partir de entrevistas;
- Analisar os escritos de Manoel de Araújo Carneiro sob o ponto de vista linguístico e literário.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica por diferentes razões. A principal é buscar resgatar a memória do meu pai, Manoel de Araújo Carneiro, falecido em seis de setembro de 2005, segundo constata na certidão de óbito foi em razão de Alcoolismo Agudo, que é a consequência da ingestão de bebidas alcoólicas acima dos limites de tolerância do organismo. Carneiro (2004), não era uma pessoa alcoólatra, contudo sempre que bebia era quando estava em casa nos finais de semana, raras vezes isso acontecia ao decorrer da semana. Nessa ocasião acabou ingerindo uma quantidade muito elevada de álcool, como consequência disso o levou a morte. No entanto os médicos já havia proibido de consumir bebidas alcoólicas, mas antes disso Carneiro (2004) não bebia à cinco anos, quando morreu havia pouco mais de um ano que tinha voltado a beber. Todavia, todos tem seus defeitos, com meu não era diferente, mas apesar disso, esse fato não manchou de maneira alguma sua reputação, apesar de tudo isso que ocorreu, não o impediu de ser um pai exemplar, e também não afetou seu compromisso com a comunidade em que prestava serviço. O presente trabalho é, porém, uma homenagem dupla, a ele, que tanto me ensinou com seu exemplo e integridade de caráter, e também à memória de Manoel Gomes de Oliveira, também conhecido como cacique Rodrigão. Por sua importância como liderança Xakriabá, pela sua luta incansável para defender os direitos e o bem estar do povo Xakriabá, o trabalho assume uma importância histórica, por resgatar informações e eventos contidos nos escritos de Manoel de Araújo Carneiro que tiveram importância do ponto de vista histórico e político para o nosso povo. Este trabalho poderá por isso servir como referência nas escolas para que tenha acesso aos alunos e também ao povo Xakriabá. O texto escrito pelo meu pai até o presente momento foi lido somente pela família e por isso é importante divulgá-lo entre os parentes Xakriabá. Ao lidar com ele durante a pesquisa, percebi o quanto seria importante compartilhar, porque, mesmo que todos conhecimentos do Povo Xakriabá sejam passados pela oralidade, podemos partir antes que nossos filhos tenham entendimento daquilo que contamos. E assim, como ele teve o cuidado de deixar esse documento para que nós tivéssemos acesso, para entender a história do nosso povo, também quero deixar um registro reunindo a narrativa dele e também a forma como vejo a terra indígena hoje, para que, futuramente, meus filhos possam conseguir pensar não só na sua geração, mas naquelas que foram e nas que ainda virão.

O presente trabalho poderá ser uma referência aos interessados, principalmente àqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer Manoel de Araújo Carneiro e Manoel Gomes de Oliveira pessoalmente. Muitas crianças e jovens têm pouco conhecimento sobre Rodrigão ou sabem da importância dele como cacique, sobre sua carreira, que ficou marcada pelas grandes vitórias conquistadas através do seu talento de vencedor que ele sempre carregava consigo.

Pela maneira com que meu pai registrou suas memórias sobre Rodrigão, escrito em forma de versos, no gênero típico Xakriabá conhecido como loas, o texto de Manoel de Araújo Carneiro é analisado também do ponto de vista linguístico e literário, o que contribui para a importância deste trabalho que desenvolvi. Os escritos de Manoel de Araújo Carneiro podem ser considerados uma obra histórica e literária, que merece ser preservada e divulgada para as gerações que não conheceram meu pai e o cacique Rodrigão, ambos já falecidos, o que torna este trabalho ainda mais relevante.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio da análise de escritos de Manoel de Araújo Carneiro e de pesquisa realizada a partir de entrevistas com pessoas da comunidade Xakriabá. O método utilizado na pesquisa foram entrevistas semiestruturadas registradas em áudio com moradores da aldeia, documentos obtidos com a família e anotações informais, além de pesquisa bibliográfica e conversa informal com moradores da comunidade Xakriabá.

As informações obtidas na pesquisa foram organizadas por temas e cruzados com comentários meus a partir da minha própria experiência como filho do autor. Esses escritos têm um total de onze páginas e foram escritos a mão por meu pai em um caderno pautado. Para realizar este trabalho, entrevistei três informantes, pessoas com as quais conversei guiado por algumas perguntas e munido de um aparelho celular para registrar o áudio da conversa que tive com eles. As entrevistas aconteceram em duas aldeias diferentes, Aldeia Imbaúba II e Brejo Mata Fome. Os entrevistados foram José Gomes de Oliveira, com cinquenta anos¹, Nelson Gomes de Oliveira, com trinta e oito anos² e

¹ Nascido no dia cinco de dezembro 1970.

² Nascido no dia treze de dezembro de 1982.

Hercília Ferreira de Oliveira com setenta e dois anos³. A escolha dessas pessoas foi devido à proximidade que cada um teve com Rodrigão quando ele era vivo. José Gomes de Oliveira, por ser um dos filho mais velhos de Rodrigão, conhece boa parte da história que ouvia dos seus pais. Nelson Gomes, por conhecer muitas história adquiridas de anciões já falecidos. Além disso, outro motivo que me levou a escolhê-lo foi a afinidade que tenho com ele, pelo fato de ser meu tio e além disso, ele foi também meu professor quando estudei nos anos finais do ensino médio. Essa afinidade permitiu que dialogássemos por bastante tempo. Já a D. Hercília, a escolha se deu, por ser ela uma pessoa de idade, e, além disso é sobrinha de Rodrigão. Sua proximidade com o cacique era por isso muito forte. Outro aspecto importante dessa escolha foi por ela ser moradora da aldeia em que Rodrigão viveu por muitos anos. É importante ressaltar que quando o Rodrigão morreu estava morando na aldeia Brejo Mata Fome, embora a Aldeia Imbaúba era um dos locais que mais frequentava.

Todas as entrevistas foram transcritas e dispostas como anexo neste trabalho. Para que a transcrição das falas do entrevistados fosse minimamente fiel às peculiaridades linguísticas da variedade falada tipicamente pela comunidade Xakriabá⁴, foram adotados alguns critérios para a transcrição, cuja chave disponho abaixo:

Chave de transcrição

- 1.O ditongo [ou] em final de palavra é pronunciado como ô e será assim grafado: ô;
2. Os ditongos [ou] e [ei] que ocorrem como monotongos foram grafas como monotongos: robô (roubo), bera (beira);
- 2.As vogais E e O seguidas de S ou Z em final de palavra recebem vogal epentética i, típica do falar Xakriabá. Essa vogal epentética foi registrada por meio de i (nós >nóis, vez >vez);
- 3.A vogal E em palavras que na escrita são seguidas de lh recebem i epentético no lugar da consoante palatal. Esta vogal foi registrada como i (velho >véi);
- 4.Quando as formas nominais e verbais não apresentavam marca de número, como em “os menino” e em “ele foro”, a ausência dessa marcas foi mantida;

³ Nascida no dia dois de setembro de 1948.

⁴ De acordo com Nascentes (1954), o português falado no nordeste de Minas corresponde ao falar baiano, especialmente as variedades rurais.

5. A vogal i que aparece após vogal seguida de consoante sibilante em final de palavra foi registrada como i: feiz, talvez, mais, etc.

6. A consoante S pronunciada como R diante de consoante nasal foi representada com R: mermo, ur (menino)=os meninos.

CAPÍTULO 1 - O POVO XAKRIABÁ E A SUA HISTÓRIA

A história do povo Xakriabá acontece a partir de uma série de acontecimentos no decorrer das gerações passadas que são contadas por nossos anciões e também por vários pesquisadores.

De acordo com o ISA⁵, no período pré-colonial, havia provavelmente outros povos na região de São João das Missões às margens do Rio São Francisco onde hoje está localizado o povo Xakriabá. Nessa época, não existia território definido, pois o povo ocupava várias regiões do que chamamos hoje de estados do Tocantins, de Goiás e de Minas Gerais, especialmente nas margens do Rio São Francisco.

No início do século XVIII, o bandeirante Matias Cardoso de Almeida chegou à região e causou um verdadeiro massacre aos índios Xakriabá. Posteriormente, houve a chegada dos jesuítas, que começaram a aldear e catequizar para assim obter o domínio sobre os indígenas. Os índios Xakriabá, no entanto, antes da chegada dos jesuítas eram forçados a trabalhar para o bandeirante Matias Cardoso de Almeida, pois chegaram a construir uma igreja ao seu comando. Nessa época, um índio Xakriabá havia encontrado um santo, o qual nomearam de São João dos Índios. Logo, os jesuítas obtiveram informações daquela imagem e não hesitaram em levá-la para a igreja de Matias Cardoso. A permanência da imagem na igreja não se concretizou, porque de alguma forma retornava para o local em que o índio a havia encontrado. Isso aconteceu por diversas vezes. Após presenciar todos aqueles acontecimentos, os jesuítas acreditaram que seria um milagre que estivesse acontecendo. Construíram então um santuário no local em que o santo foi encontrado. Na atualidade, a imagem recebe o nome São João, que acabou dando origem também ao nome da cidade, que hoje tem o nome de São João das Missões.

Ainda de acordo com o ISA, antes da catequização, a região que os índios habitavam era dividida em capitanias. Pernambuco se localizava à margem esquerda do rio São Francisco e à margem direita, a capitânia da Bahia. Nessa época, os Xakriabá estavam localizados na capitania de Pernambuco e acabaram sendo vítimas das ações e das missões dos jesuítas. Provavelmente os jesuítas perceberam que naquela localidade havia grande possibilidade de um domínio tanto pelas terras quanto pelos índios, pelo fato

⁵ Instituto Socioambiental <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1>> Acesso em 28 de agosto de 2020.

de que o povo Xakriabá habitavam aquela área e ainda não tinham um território definido. A partir de então, os Xakriabá começam a ser aldeados e colonizados, sendo impedidos de seguir seus próprios costumes, obrigados a falarem o português e seguir também as crenças dos europeus.

Escobar (2012), a respeito do território Xakriabá, cita, a partir de entrevista concedida por D. Ercina, uma anciã bastante reconhecida pelo nosso povo, a chegada dos primeiros fazendeiros no Território Xacriabá e que foi também o início de uma perseguição sangrenta e dos primeiros movimentos de busca externa para solução de problemas referente à construção de um “curral de vara” na aldeia Rancharia. Essa perseguição começa quando os índios Xakriabá faz a “derrubada do curral de vara” que ocorreu antes de 1930. Era portanto um curral de aroeira, que foi construído próximo a um local sagrado provocando assim um conflito muito intenso com os fazendeiros. Com essas perseguições muitos índios fugiram o que causou um enfraquecimento do grupo no qual praticavam o ritual (Toré).

Os líderes Xakriabá em decorrência daquela situação se viram obrigados a esconder as “trilhas do Toré” devido as perseguições dos fazendeiro. A partir desses conflitos, lideranças Xacriabá saem do território mas em busca dos direitos da terra, a consequência dessa saída ficou marcada na história do povo Xakriabá, pois essas lideranças nunca mais retornaram, acreditam-se pelo fato de ocorrências desses confrontos que eles tenham sido mortos por fazendeiros.

Segundo Augusta Aparecida Neves de Mendonça, até o final da década de 1970, havia muitos conflitos e indefinições à área a ser delimitada para o povo Xakriabá. Cita ainda que com a intervenção da FUNAI e da Rualminas, portanto órgãos responsáveis pela mediação, abriam possibilidades para os grupos de fazendeiros e grileiros avançarem na ocupação das terras Xakriabá. Em 1973, foi criado o Posto Indígena Xakriabá, marco da jurisdição da FUNAI sobre a terra, sendo então efetivada contratação de Rodrigo como funcionário da instituição. Apesar de tudo isso não foi suficiente para impedir a grilagem das terras xakriabá.

Segundo Mendonça, o ano de 1980 ficou marcado pelo reconhecimento do povo Xakriabá e também pela homologação, em julho 1987, e a demarcação em julho 1979. Cita ainda que essa conquista não foi decorrente de um planejamento da FUNAI, mais sim das lutas incansáveis dos índios contra os fazendeiros, que ocupavam as terras Xakriabá, deflagrados em 1984 com a retomada do Território. Relata também como o grande marco histórico o assassinato de três Xakriabá ocorrido em fevereiro do ano de

1987, entre eles o Rosalino Gomes de Oliveira. Homem de muita coragem que teve um papel muito importante no processo da luta no território Xakriabá. Essa luta continuou até 1988, época em que foi concluída a retirada dos fazendeiros e concretizada a demarcação da Terra Indígena Xakriabá.

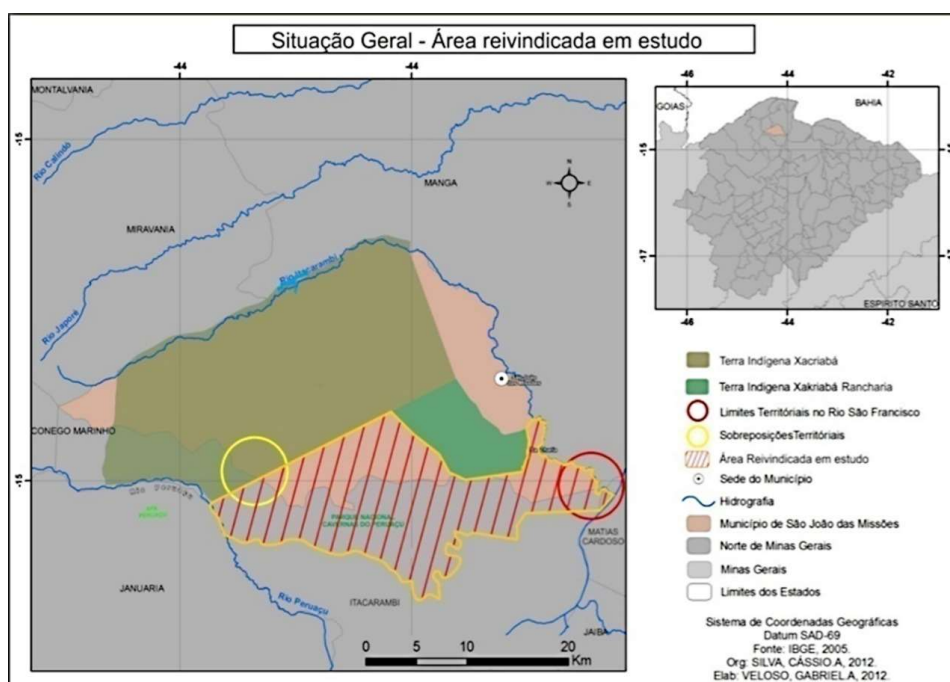
O povo Xakriabá lutou muito para ser reconhecido como um povo indígena. Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão) foi muito importante nesse processo de luta. Para que o povo Xakriabá tivesse o reconhecimento de povo indígena originário do Brasil, foi preciso ter a prova de que realmente existia índio, ou seja, nesse período, houve uma pressão muito grande dos órgãos governamentais que queriam, a qualquer custo, a comprovação da nossa identidade, fazendo com que nosso cacique Rodrigão tomasse essa decisão que mudaria todo o rumo da nossa história. Até aquele período havia um segredo que nunca tinha sido revelado a ninguém, exceto para alguns companheiros mais próximos. Esse segredo a que me refiro é o nosso ritual (Toré). Aproximadamente, na década de 1980, nosso cacique aceitou que fizessem uma filmagem do nosso ritual. Essa filmagem era para ser utilizada como prova da nossa existência, nada a mais do que isso. Tempos mais tarde, tudo aquilo que todos temiam infelizmente aconteceu, esse vídeo foi divulgado na internet e até hoje não sabemos quem divulgou. Isso para nós é muito triste, sabemos que tudo aconteceu por uma boa causa, o que é inaceitável é essa falta de respeito com a cultura de um povo. Quero aqui lembrar sobre o nosso segredo, que nem todos os Xakriabá tinham acesso a esse ritual, algumas pessoas eram escolhidas e somente as mesmas poderiam participar.

Em 1996, mais uma vez, as lideranças, juntamente com o povo Xakriabá, reivindicam nossas terras, exigindo do órgão da FUNAI a posse da Terra Indígena Rancharia, pois a mesma teria ficado fora da demarcação anterior, que foi demarcada em 2001 e homologada em maio de 2003. Em todo esse processo de demarcação e homologação, destaco aqui a atuação de Rodrigão, pois, nesse período de conflitos, ele foi muito importante na luta pela terra e para o reconhecimento do povo Xakriabá como nativo do nosso território. Aqui abordo apenas a importância do Rodrigão em relação aos processos de lutas, a respeito das outras lideranças, comentarei mais adiante.

1.1 O TERRITÓRIO XAKRIABÁ

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no Norte de Minas Gerais, na margem esquerda do rio São Francisco, no Município de São João das Missões. A população Xakriabá é a maior população Indígena de Minas Gerais, com aproximadamente 12.000 índios, que vivem em um território de 54.000 mil hectares de terra, dividido em 36 aldeias. O Território sofreu invasão a partir do século XVII e do início do século XVIII, por fazendeiros e posseiros da região, cuja intenção era se apossar de nossas terras.

Por volta do ano de 1970 a FUNAI, instalou um posto de assistência aos índios Xakriabá e, depois de muita luta do povo juntamente com o órgão da FUNAI, a Terra foi demarcada e homologada no ano de 1987. Em seguida, por volta de 2003, foi acrescentada a Terra Indígena Xakriabá de Rancharia segundo site do ISA⁶. Está em processo de estudo a Aldeia Caraíba que até então estava sendo ocupada por fazendeiros, que corresponde um total de aproximadamente 5 mil hectares de terras, conforme indica o mapa abaixo:



⁶ Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1>> Acesso em 27/08/2020.

1.2 ASPESCTOS DO RELEVO E DOS BIOMAS DA T. I. XAKRIABÁ

Segundo Barros (2019), o solo da Terra Indígena Xakriabá é cheio de contrastes. Em diversas áreas altas encontram-se maciços de calcários com cavernas. Em relação à vegetação predominante, pode-se destacar a caatinga com transição com o cerrado, com uma grande diversidade de árvores, como vaqueta, cansilo, braúna, juá, aroeira, jurema, tingui, sucupira, itapicuru, umburana, capim-açu, angico, folha-de-bolo, cana-ficha, gameleira, dentre outras. A maior parte da vegetação é nativa, composta por matas secas e veredas. Essas áreas são usadas para caçadas e coletas de frutos, por exemplo, grão-de-galo, jatobá, cagaita, umbu, cabeça-de-nego, maracujá, xixá, pequi, pinha, cagão, saputá, etc. Em relação aos animais, as espécies mais comuns são, tatu, paca, onça, coelho, veados, mocó, cutia, gambá, seriema, jacu e perdiz.

Barros (2019) menciona que muitos desses animais encontram-se em extinção, devido à caça fora de época e sem controle. E, devido também ao desmatamento em função da monocultura e da criação de criação de gado o período de chuva tem diminuído e a temperatura tem subido nas últimas décadas, impactando nossa relação com o meio ambiente.

1.3 ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE XAKRIABÁ

Cada aldeia possui um líder que representa sua comunidade e ajuda o cacique nas tomadas de decisões no que diz respeito ao povo como um todo.

Segundo (BARROS, 2019, p. 10), atualmente o povo Xakriabá é distribuído em um total de 36 aldeias na Terra Indígena, que são Brejo Mata Fome considerada aldeia sede, Riacho do Brejo, Riacho Comprido, Itapicuru, Sumaré, Sumaré II, Sumaré III, Dizimeiro, Pedra Redonda, Forjes, Pindaíba, Terra Preta, Prata, Barra do Sumaré, Caatinginha, Peruaçu, Morro Vermelho, Riachão, Riacho dos Buritis, Imbaúba, Sapé, Custódio, Santa Cruz, Itacarambi Zinho, Rancharia, Caraíba, Poções, Olhos d Aguão, Morro Falhado, Barreiro Preto, Vargens, São Domingos, Veredinha, Riachinho, Pedrinhas e Brejinho.

A subsistência do povo xakriabá advém da lavoura, da caça, da pesca e da fabricação de artesanato. Além da venda dos artesanatos, parte das famílias vende tudo ou parte do que é colhido ou troca com outra família em produtos que não colheu. Já a

caça e a pesca são compartilhadas em cada núcleo familiar e em festas da comunidade. No entanto, com o passar do tempo, em razão das alterações climáticas e das alterações no meio ambiente, a terra está produzindo menos e a caça e a pesca estão cada vez mais escassas. Isso fez com que a população consumisse produtos vindos de outros lugares fora do território, pois o que é produzido é insuficiente para manter todas as famílias durante todo o ano.

O trabalho coletivo é organizado em dois períodos, o período das águas e o período da seca. Sendo que o período das águas é de outubro a abril e da seca de maio a setembro. O primeiro é dedicado ao cuidado da terra e ao plantio de alimentos, como; feijão, abóbora, milho, mandioca, entre outros. Já o segundo é o tempo de se dedicar à colheita e ao armazenamento dos alimentos coletados. Além da colheita e do plantio, outros afazeres do povo também são organizados de acordo com esses períodos, como a caça, a construção de casas, as práticas culturais e rituais por exemplo.

Devido às mudanças climáticas, os períodos de chuva e de seca não são mais tão bem determinados. Por isso, a duração de cada período é variável a cada ano, podendo ser mais curta ou mais longa a cada ano que passa. Por isso é necessário que a cada ano o povo reorganize as suas atividades já que a maioria das práticas depende de como ocorrem esses períodos, principalmente o plantio e a colheita.

CAPÍTULO 2 - MANOEL DE ARAÚJO CARNEIRO (MEU PAI)

Manoel de Araújo carneiro foi meu pai. Indígena do povo Xakriabá, nascido no dia 21 de setembro de 1960. Filho de Satiro de Araújo Carneiro e de Otaviana Rosa de Jesus, teve nove irmãos ao todo, porém, ainda crianças, quatro morreram e apenas cinco chegaram à fase adulta. Morava na aldeia Barreiro Preto na Terra Indígena Xakriabá, mesma aldeia em que nasci e cresci.



Meu pai (Foto: arquivo pessoal)

Era casado com Enedina Gomes Carneiro, minha mãe, também indígena Xakriabá. Juntos, ele e minha mãe tiveram oito filhos. Assim como os demais indígenas, viviam do cultivo tradicional, cultivando milho, feijão, abóbora, melancia, quiabo, feijoa⁷, feijão-catador e outras espécies de vegetais.

Minhas lembranças desse tempo continuam na minha memória, pois graças a ele hoje tenho um direcionamento de como posso ensinar os meus filhos, por mais que não consigamos cultivar com a mesma intensidade daquele tempo, não podemos deixar de

⁷ Nome típico usado na região para a fava, leguminosa semelhante ao feijão, porém maior.

passar esses conhecimentos para as futuras gerações porque são elas que irão dar continuidade aos conhecimentos tradicionais no futuro.

No preparo da roça, meu pai sempre me levava com ele, mesmo que eu não desse conta de fazer o serviço pesado, estava ali observando a sua lida com a terra. Nesse tempo, era muito bom porque meu pai nunca me forçava a fazer trabalho pesado, além disso, fazíamos outras atividades gratificantes como pescar à noite com anzóis e arpão. Resumindo, tudo que sou hoje tenho eterna gratidão pelo meu pai. Seu tempo era administrado de modo que pudesse se dedicar ao trabalho como AIS (Agente Indígena de Saúde), à família e ao bem estar da comunidade como um todo.

Meu pai tinha o hábito de acender fogueiras à noite e ali nos contava muitas histórias que se passaram na sua infância. Ele fazia questão de lembrar as dificuldades que enfrentou ao longo da vida e contava, por exemplo, que muitas vezes não tinha o que comer em casa. Por outro lado, ele e sua família podiam contar com os recursos da natureza, como por exemplo a fartura de peixes e de caças que havia na época. Dessas histórias que nos contava, uma ficou bastante marcada na minha memória, que foi um episódio muito triste que ocorreu com ele, bem antes do seu casamento com minha mãe. Na época, ele levou uma facada durante um evento festivo que ocorria nas extremidades da Terra Indígena. Segundo seu relato, isso aconteceu porque o agressor estava causando confusão nessa festa. Meu pai teria então chamado essa pessoa para uma conversa para entender o que estava acontecendo, mas ela não gostou. Então, provavelmente esperou uma distração do meu pai, porque, quando ele já estava saindo da festa, o agressor, em um local escuro, acabou desferindo um golpe de faca em meu pai. Esse acontecimento quase o levou à morte na época, mas, graças ao nosso pai Tupã, ele superou esse triste episódio e sobreviveu.

Ele relatava também que a escola, na época, era um desafio muito grande para eles, porque, quando tinha a oportunidade de estudar, havia muitas dificuldades, como a distância da escola e a falta de tempo para se dedicar aos estudos. Esse tempo era dividido entre estudar e ajudar os pais no trabalho com a roça. Nesse período, saiam para trabalhar fora da aldeia muito cedo pois muitos iam para São Paulo ou para outros estados ainda com menos de 18 anos de idade. Meu pai tinha pouca escolaridade, pois estudou apenas até a quarta série do Ensino Fundamental, mas voltou a estudar depois de adulto, o que foi um grande incentivo, não só para mim, mas também para meus irmãos. Isso, todavia, vim a compreender somente muito tempo depois.

Meu pai era uma pessoa que sempre nos ensinava a ser educados, um pai conselheiro que nos direcionava, principalmente para a escola. Era um sonho seu ver um dos filhos ingressar em uma faculdade; ele queria oferecer aos filhos aquilo a que ele não pôde ter acesso. Dizia que não teve oportunidade de estudar o quanto gostaria, mas seu desejo era que todos os seus filhos seguissem os estudos para que não passassem pelo sofrimento por que ele passou.

2.1 INÍCIO DO TRABALHO COMO AGENTE DE SAÚDE

Manoel de Araújo Carneiro atuou como Agente Indígena de Saúde do ano 2000 até 2005, época em que ocorreu sua morte. Sua substituição só veio a acontecer devido à sua morte. Até então, não houve nenhum outro motivo que o tivesse impedido de trabalhar durante todo esse tempo.

Seu trabalho como Agente Indígena de Saúde teve início em março do ano de 2000. Para chegar a essa função, ocorreu uma grande reunião organizada na época pelo próprio Rodrigo, juntamente com as lideranças das aldeias que iriam receber esses agentes indígenas de saúde nas suas comunidades.

A escolha foi a partir do perfil dessas pessoas que eram analisadas. Entre os critérios para a escolha, eram considerados o grau de escolaridade, ou seja, o candidato tinha que dominar a escrita, ter o apoio da comunidade e não podia possuir nenhuma renda ou outro cargo de trabalho.

Nessa época, meu pai foi umas das primeiras pessoas a atuarem na função de Agente Indígena de Saúde na comunidade Barreiro Preto. Além dessa comunidade, foram incluídas as aldeias de Brejinho e Veredinha que são localizadas próximas a Barreiro Preto.

Depois de um tempo exercendo a profissão de agente de saúde, teve a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos na área de saúde aplicada a povos indígenas, através de capacitações ofertadas pela empresa que trabalhava no território na época.

Além de se preocupar com a saúde, meu pai também tinha afinidade com o meio político; estava sempre atento às demandas do povo e levava as informações e as necessidades das comunidades até as reuniões com as autoridades. Já que poucas pessoas tinham interesse em participar de momentos com prefeitos, vereadores e lideranças, ele se dispunha a isso e ajudava a construir políticas públicas que chegassem a todos.

Meu pai era uma pessoa muito dedicada, especialmente aos interesses da comunidade em relação à saúde, e tinha disponibilidade de prestar serviço a qualquer hora do dia ou da noite. Ele se esforçava ao máximo para cumprir seu dever em atender a comunidade, a qual depositava muita confiança no seu trabalho. Por isso, era uma pessoa muito querida pela aldeia, muitas vezes, em plena madrugada, pessoas da comunidade iam à sua procura para socorrer parentes que não se encontravam bem de saúde. Sua forma de socorrer não era a de medicar os pacientes como fazem os médicos, mas sim de informar aos motoristas da equipe de saúde para que esse paciente chegasse até um posto de saúde.

Algumas vezes, esse trabalho se tornava cansativo, porque o local em que o carro da saúde ficava era distante e o único meio de transporte do meu pai era o cavalo ou a bicicleta. Durante esse período de trabalho, ele chegou até mesmo a socorrer uma vítima de tentativa de assassinato. Segundo seu relato, nesse dia, não encontrou carro que levasse essa pessoa a um pronto-socorro. A única solução que encontrou para socorrê-la, devido à gravidade dos ferimentos, foi levá-la a cavalo até um ponto em que poderia ter acesso a veículos, o que demorou muitas horas de viagem. Essa vítima era conhecida como Romão. Tenho pouco conhecimento sobre ela, mas as lembranças sobre essa situação ficaram guardadas até hoje na minha memória. Apesar da gravidade dos ferimentos, Romão, como era conhecido, conseguiu resistir, graças à competência que o meu pai tinha como profissional.

Apesar de trabalhar como Agente de Saúde na aldeia Barreiro Preto, ele fazia questão de aprimorar seus conhecimentos e iniciou um curso de capacitação em Januária, período que aproveitou para escrever sobre o cacique Rodrigo. Esse texto escrito por ele será abordado na seção seguinte.

2.2 A ESCRITA DO TEXTO SOBRE RODRIGÃO (CARNEIRO, 2004)

O objetivo desta seção é apresentar os escritos de meu pai, Manoel de Araújo Carneiro, texto que inspirou e fundamentou a realização desta pesquisa cujo foco principal é o cacique Rodrigo.

No ano de 2005, Manoel de Araújo Carneiro morreu, deixando oito filhos, eu e mais sete irmãos, todos menores de idade na época. Sua morte, aos 44 anos de idade, ocorreu justamente no período em que tinha acabado de escrever algumas páginas, de próprio punho, referindo-se ao nosso saudoso Manoel Gomes de Oliveira (o Rodrigo).

Essas páginas escritas por ele, a que me referirei aqui como escritos de meu pai ou Carneiro (2004), foram descobertas por mim e por meus irmãos logo após a sua morte.

Esse texto sobre Rodrigão foi escrito logo após o falecimento de Rodrigão, época em que meu pai realizava um curso de capacitação de Agente Indígena de Saúde (AIS) no Município de Januária, localizado no Norte de Minas Gerais. Por se interessar pelo trabalho conduzido por Rodrigão e por acompanhar sua atuação como cacique durante as atividades políticas e também na luta pela terra, sua motivação em escrever seu texto se tornou cada vez mais forte após a morte do cacique. Possivelmente, outro motivador para a produção desses escritos tenha sido a proximidade que meu pai tinha com a família, devido ao fato de a esposa de Rodrigão, Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira, ser a sua irmã.

Pouco tempo após a morte de Rodrigão, meu pai chegou a comentar sobre a sua ideia de fazer um livro que retratasse a vida do cacique. Posso aqui dizer que, naquele momento, não levei muito a sério. Não que duvidasse da sua capacidade, ao contrário, sempre admirei sua inteligência, pois ele era uma pessoa muito sábia.

Com a oportunidade que teve de fazer esse curso de capacitação em Januária, surgiu então a chance de fazer o que tanto queria. Aproveitou as horas vagas e se dedicou a escrever sobre a história de Rodrigão, tempo que não encontrava em casa por conta do serviço de agente de saúde, que era às vezes muito exaustivo, e também por conta dos afazeres cotidianos domésticos para ajudar a nossa família.

Após a morte de meu pai, eu, juntamente com meus irmãos, encontramos esses escritos guardados pelo meu pai. Não tínhamos, porém, ideia do que pudessem tratar aquelas folhas escritas a mão. Talvez porque fôssemos jovens demais e muito imaturos, as páginas escritas por ele foram pouco a pouco se perdendo pela casa e, quando tomamos consciência do valor que tinha aquele documento, só então pudemos perceber o que havíamos feito. Dele já não restava mais nada e seria impossível recuperá-lo. Por não entendermos o propósito daqueles escritos, jamais pude imaginar que poderia ser tão importante para o meu pai, a ponto de ele ter deixado uma cópia dos escritos com sua irmã, a esposa do Rodrigão. A existência dessa cópia, no entanto, eu só descobriria mais tarde e salvaria o legado de meu pai.

2.2.1 A RECUPERAÇÃO DOS ESCRITOS DE CARNEIRO (2004)

Em 2017, logo após eu me ingressar no FIEI, tive um desejo enorme de, de alguma forma, resgatar o conteúdo dos escritos do meu pai. Foi então que procurei informações que me levassem a entender o que havia neles. Obtive essas informações a partir de uma conversa que tive com minha prima Rosa Gomes de Oliveira, filha de Rodrigão. Foi ela quem me revelou o que os escritos continham. Eles falavam principalmente de Rodrigão, o pai dela. Além disso, ela me trouxe uma notícia inesperada, a de que sua mãe, Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira, guardava uma cópia desses escritos. Assim, recebi a ótima notícia de que os escritos do meu pai ainda existiam. Antes do meu pai morrer, não tive muito contato com o texto dele, pois ele o mantinha guardado; sua intenção era continuar escrevendo e, quando terminasse, pretendia publicá-lo em um livro. O meu acesso direto aos escritos foi mesmo quando meu pai faleceu, mas, por imaturidade, como já comentei, não dei a devida atenção a ele. Eu tinha apenas uma vaga lembrança desses escritos e foi muito reconfortante descobrir na conversa informal que tive com minha prima Rosa que esses escritos ainda existiam.

A partir dessa conversa, minha prima Rosa me confirmou que meu pai havia deixado também uma cópia com sua mãe, e, nesse mesmo tempo, disponibilizou a me ajudar, procurando-o na casa da mãe. Foi desde então que comecei a conversar novamente com a família, explicando o propósito do trabalho. Especialmente por se tratar da família do meu pai, minha prima me entregou com desapego os escritos e ao mesmo tempo me incentivou muito, tendo uma opinião muito semelhante à minha sobre a importância do trabalho, a de que a memória de Rodrigão se fortaleceria a partir de iniciativas como aquela que eu propunha. De posse desses escritos, iniciei minha pesquisa.

A divulgação do meu trabalho, como foi dito anteriormente, será importante, porque através dele, muitas pessoas poderão ter acesso às informações nele contidas, principalmente as escolas e assim muitos jovens e crianças poderão conhecer não apenas a história de luta, mas também a sua origem e as experiências vivenciadas pelos mais antigos. Pois alguns jovens não têm o conhecimento da história e luta de Rodrigão e seus antecessores. Assim como tive a curiosidade de pesquisar a história de Rodrigão, espero que meus filhos e netos possam dar continuidade a este trabalho.

Embora tenha escrito poucas páginas, o conteúdo do texto é muito importante, porque revela informações sobre o cacique Rodrigão e principalmente da sua trajetória de luta, que foi um dos momentos mais difíceis por que a família passou.

Sua esposa Rosalina revela que, nos períodos em que Rodrigão estava em viagens, resolvendo questões referentes à luta pelos direitos da nossa terra, eram momentos em que ela se sentia mais frágil por estar em casa sem o esposo e somente com crianças pequenas. Muitas vezes, ela chegou a sair às pressas de casa, tendo que dormir no mato devido a perseguições ocorridas na época da luta pela terra no território Xacriabá. Nessa época, o povo também sofreu, por medo de ser atacado por fazendeiros ou por seus pistoleiros. Muitas, pessoas viviam a maior parte do tempo assustadas e muitas não conseguiam dormir direito, porque tinham crianças pequenas e temiam sofrer um ataque qualquer. Mulheres grávidas saíam de suas casas durante a noite com dificuldade de se locomoverem no escuro, mas sua resistência prevaleceu e muitas crianças conseguiram vir ao mundo mesmo diante de tantos obstáculos.

Os escritos de meu pai tinham como finalidade manter a memória de Rodrigão sempre viva. Segundo meu pai, era também uma forma de divulgar a história de vida do Rodrigão e da sua família, pelas quais ele tinha uma grande admiração e sempre fazia questão de mencionar seu legado.

Nos escritos sobre Rodrigão deixados por meu pai, pode-se observar a presença de loas, um gênero de texto característico do povo Xacriabá. Essas loas não aparecem organizadas, mas as rimas podem ser percebidas em muitas partes do texto. A loa tem um papel muito importante nas nossas comunidades, porque são usadas por muitas pessoas que não estudaram, mas que têm essa facilidade oral de improvisar. Ela faz parte da nossa tradição e assim os principais improvisadores de loas são vistos em casamentos que ocorrem em todas as aldeias. Em alguns livros ou monografias produzidos por autores Xacriabá, as loas são mencionadas com muita frequência.

2.3 A FORMA DO ESCRITO DE CARNEIRO (2004)

Os escritos de meu pai, doravante referidos também como Carneiro (2004), é um texto escrito a mão, composto de onze folhas.

O texto original se encontrava em minha casa e infelizmente se perdeu com o tempo, como mencionei na seção anterior. Dele, restou uma cópia xerografada que havia

sido guardada por minha tia a pedido do meu pai, e que descobri graças a uma conversa que tive com minha prima.

para fazer este livro
deixar todas que ele ler
que não são formadas em
Curso não.
em pedi Aduis e tuã
para me dar estas poucas
inspiração, para Relatar a
Historia de Grandi: luta de
es cacique Rodrigo.
Aqui em Tom dar uma parada
Porque não dá Para Escrever
Tudo hoje não é mais numa
outra Oportunidade eu.
Termino de falar de Bom-
Trabalho Realizado pelo o
ex: Cacique Xakriabá.
Manoel Gomes de Oliveira
conhecido Por Rodrigo.

Livro Escrito Pelo o Indio
MAC
Ass. Manoel de Araújo Carneiro
Aldéia Borreiro
Araújo Carneiro

Parte dos escritos de Manoel de Araújo Carneiro (folha 9) com assinatura do autor.

Como tinha pouca escolaridade, o texto apresenta características da língua falada tipicamente pelo povo Xakriabá, uma variedade rural do português e discordâncias em relação à ortografia oficial, como se pode verificar nos dois trechos abaixo:

(1)

“A história do cacique Rodrigo

Não podemos deixar de lembrar (...)”

(2)

“No início da sua luta ele lutou

Sozinho para mostra seu talento

Quando viu que estava difício

Ele escolheu a suas liderança

Para poder le ajudar a ver

Os poblema dos 4 canto

Da reserva (...)

Nos trechos acima, o verbo *lembrar* se apresenta em (1) como *alemburar*, forma típica de falares rurais do português. No trecho 2, há a grafia da palavra *difícil* como *difício* e do pronome *lhe* como *le*. No quarto verso em (2), não se verifica concordância explícita entre *suas* e *liderança* e a palavra problema foi registrada com o encontro consonantal da primeira sílaba: *poblema*. Longe de ser um problema, o registro, como está, legitima e fortalece a variedade usada tradicionalmente pelos Xakriabá.

O texto de Carneiro (2004) foi escrito em forma de versos com rima. Embora não apareçam de forma organizada no texto, podemos perceber as rimas em quase toda a sua extensão. Nos trechos a seguir, as palavras que rimam estão grifadas (grifos meus):

“(...) Caro amigo leitor eu vou
Fazer este livro quero que
Preste bem atenção porque agora vou
Falar do cacique Rodrigão. Este
Grande homem ficou na pauta
De toda a nação dos índios
Deste pedaço de xão. (...)” (CARNEIRO, 2004, f. 1)

Nos trechos acima, as palavras atenção, Rodrigão, nação e chão rimam entre si. Em alguns trechos, porém, não aparecem as possíveis palavras que poderiam ser rimadas, como mostram os dois exemplos abaixo:

“(...) No início da sua luta ele lutou sozinho para mostrar o seu talento quando viu que estava difícil ele escolheu a suas lideranças para poder le ajudar a ver os poblema dos 4 canto da reserva. (...)” (CARNEIRO, 2004, f. 2)

“(...) Por causa desta luta, a casa de Rodrigo muitas vezes foi cercada por jagunço e pistoleiro armado até os dente. (...)” (CARNEIRO, 2004, f. 4)

Possivelmente, o que ocorreu nesses trechos foi que ele não conseguiu elaborar tudo da forma que pretendia devido à pouca experiência com esse tipo de gênero textual.

O uso de loas é uma tradição muito forte do povo Xakriabá. Fazer loas é uma prática bastante comum no nosso cotidiano e na escola, por exemplo, os alunos começam desde cedo a praticar loas. Por isso, a produção de trabalhos em loas começa dos anos iniciais e vão até o ensino médio. Existem também muitos trabalhos feitos por autores Xakriabá em formato de loas. Um exemplo é um livro Xakriabá muito conhecido e cuja primeira parte está em formato de loas: *O tempo Passa e a História Fica*, publicado em 1997⁸.

O texto de Carneiro (2004) segue essa tradição de escrever em forma de loas, embora, como já comentei, parece que o autor não teve tempo de organizar todas as rimas antes de morrer.

Os trechos citados acima referem-se à vida e à luta de Rodrigão e dizem respeito às nossas terras, que estavam sendo invadidas por fazendeiros. Aqui não irei aprofundar na história do Rodrigão, pois, na seção anterior, já foi abordado esse assunto.

Outra característica do texto de Carneiro (2004), além das rimas, é que ele apresenta características de biografia, pois, como já informei, o objetivo do texto é tratar sobre Rodrigão e sua luta em favor dos Xakriabá.

(...) biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepitível, é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar -lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. O mistério do singular é, também, fortíssimo como elemento constitutivo do imaginário cultural de qualquer sociedade ou mesmo civilização.” (CARINO, 1999, p.154)

Então, partindo dessa percepção, o texto de Carneiro (2004) é uma biografia, pois narra a história do Rodrigão, indicando elementos fundamentais que possibilitam construir a imagem de uma pessoa, no caso de que trato aqui, Manoel Gomes de Oliveira (o Rodrigão), que foi e continua sendo uma referência em todo o território Xakriabá.

⁸ Livro, escrito por professores Xakriabá, época em que realizava o curso de formação no Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais no Parque do Rio Doce, de acordo com que informa o livro, o curso durou dois anos, nesse período os professores realizaram pesquisas nas suas aldeias sobre as tradições do povo Xakriabá.

CAPÍTULO 3 – AS LIDERANÇAS XAKRIABÁ E O CACIQUE RODRIGÃO

Manoel Gomes de Oliveira, mais conhecido como Rodrigão, foi filho do casal Leonida do Carmo de Oliveira e de João Antônio Gomes de Oliveira. Casado com a irmã de meu pai, Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira, Rodrigão teve doze filhos, sendo que seis deles faleceram ainda crianças. Seis filhos ainda permanecem vivos.

Segundo Carneiro (2004), Rodrigão sempre foi um homem simples, uma pessoa do bem. Portanto, esse perfil de Rodrigão foi uma marca importante que o tornou um líder capaz de conquistar a confiança do povo Xakriabá no decorrer de sua trajetória de vida.



Cacique Rodrigão (Foto: autor desconhecido)

Rodrigão foi o primeiro líder a ser reconhecido como cacique na história do povo Xakriabá. Antes dele, os líderes eram reconhecidos como chefe, cabeça ou capitão. Em uma entrevista concedida para este trabalho, Nelson Gomes comenta que “antes havia outros termos para as lideranças, como conselheiro e comandante, até chegar ao termo cacique.” Antes, havia uma sucessão hereditária, em que a liderança do povo era passada de pai para filho. Depois, a hereditariedade deixou de existir.

Independente do nome que se dava aos líderes Xakriabá no passado, a tarefa continua sendo a mesma. Porque, para assumir a liderança do povo, além de ter uma visão geral das comunidades, também é necessário saber dialogar com todos, e o escolhido deve ter domínio dos conhecimentos tradicionais e culturais.

Os mais velhos contam que, quando os indígenas chegaram a essa região do Rio São Francisco, mais especificamente à Ilha do Capão, era o Remanso o lugar onde o povo Xakriabá mais frequentava em busca dos elementos fundamentais para sobrevivência, como a caça, a pesca e também a água. Nas histórias contadas pelos mais velhos sempre

são citados os chefes, capitão ou o cabeça porém as datas que atuaram as mesmas não conseguem se recordar devido ser histórias muita antiga e que foi sendo passada de geração a geração. Uma das lideranças lembradas e contadas nas histórias dos mais velhos é o Gerônimo que veio da Aldeia Caatinguinha e foi morador da Aldeia Imbaúba, liderando então o povo Xakriabá. Em seguida, veio o Pedro, filho de Gerônimo, que também ficou um bom tempo a frente do povo Xakriabá.

Alguns traços comuns no perfil da liderança dos antigos chefes era o respeito que tinham e a maneira carinhosa como tratavam os membros das comunidades. Quando precisavam dar um recado importante, passavam para pessoas de confiança para que a informação chegasse até o destino que queriam. Muitas vezes, demorava uns dois três dias para que alcançassem seus objetivos.

Depois do chefe Pedro é que o termo ‘cacique’ passou a ser empregado, coincidindo com a geração do Rodrigão. A partir daí, a sucessão hereditária deixou de existir, mas isso só aconteceu porque os filhos de Pedro renunciaram por não se sentirem preparados para assumir o papel de líder. Por causa disso, foi feita então uma assembleia e escolheram o Rodrigão como líder por ser uma das pessoas que já ajudavam na luta do povo.

Segundo Dona Hercília, Rodrigão foi escolhido pelo povo e assumiu de imediato o seu cacicado, porque era um homem muito sábio. José Gomes de Oliveira cita também, que foi durante as viagens do seu pai Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão) a Brasília que se iniciou o processo do termo cacique, pois até então atuava como um líder. Portanto, ainda não existia essa nomeação com esse nome. Mas, antes disso, ocorreu uma espécie de eleição em que tiveram aproximadamente quatro candidatos, sendo uma delas o Rodrigão, concorrendo à vaga de cacique. Foi organizada então uma grande reunião, em que foi convocado a participar todo o povo Xakriabá.

Segundo José, a escolha do cacique ocorreu naquele período através da votação do povo, ou seja, aquele que tivesse o maior número de votos assumiria a vaga como cacique. Ao término da votação foi apurada a quantidade de votos desses participantes e Rodrigão teve a maior votação e acabou se tornando o cacique do povo Xakriabá. Vale lembrar que nessa época não havia nenhuma outra liderança. Passaram-se muitos anos para ser reconhecida outra liderança capaz de assumir o lugar de Rodrigão.

Tempos depois, houve novamente a necessidade de um vice cacique, isso porque Rodrigão viajava muito e por isso não podia mais se dedicar ao cargo com a dedicação que gostaria. Por isso, durante as viagens, com iniciativa do Órgão da FUNAI, sugeriu

que houvesse um vice cacique, que tomasse as decisões enquanto o cacique estivesse resolvendo questões fora do território. Foi então realizado um conselho de anciãos para discutir sobre a possibilidade de encontrar um substituto para Rodrigão quando ele estivesse ausente.

A partir da decisão de encontrar um substituto, Rodrigão nomeou então Emílio, da Aldeia Pedra Redonda, que atuou como vice Cacique por um longo período. Algum tempo depois, por motivos internos, Rodrigão substituiu Emílio por Alvino, morador da aldeia Riacho do Brejo, que atuou até a época da morte de Rodrigão. Após tomadas as decisões, Emilio passou a atuar apenas como liderança da sua aldeia Pedra Redonda. Com a morte de Rodrigão, Alvino continuou como vice cacique juntamente ao nosso atual cacique Domingos Nunes de Oliveira.

No quadro abaixo, apresento as principais lideranças Xakriabá por ordem cronológica:

LIDERANÇAS XAKRIABÁ CONHECIDAS		
Nome da liderança	Período em que atuou	Local
Gerônimo	?	Terra Indígena Xakriabá
Pedro	Antes de 1960	Terra Indígena Xakriabá
Rodrigão	Atuou de 1960 a 2003	Terra Indígena Xakriabá
Domingos Nunes	Atual cacique	Terra Indígena Xakriabá

Sobre as os líderes citados no quadro acima, infelizmente não consegui levantar dados em relação às datas do tempo de atuação de Gerônimo. Apesar disso, ele é lembrado nas histórias antigas do nosso povo.

De acordo com Carneiro (2004), Manoel Gomes de Oliveira, conhecido também como Rodrigão, foi um grande homem, sua história de vida como liderança ficou marcada em todo território Xakriabá. O povo Xakriabá tinha um grande respeito por esse líder. Quando tomava suas decisões, não era questionado, porque as comunidades sabiam com convicção da sua capacidade de interagir com o povo. Ele sempre resolvia os problemas em defesa de nossas causas e toda vez que precisasse de sua ajuda de dentro ou de fora do território, procurava a melhor forma de resolver para evitar que houvesse conflitos entre índios, ou até mesmo de índios com brancos. As pessoas das comunidades, antes de tomarem qualquer decisão, procuravam o Rodrigão.

Por diversas vezes, o cacique Rodrigão resolveu conflitos entre índios e não índios. Muitos desses conflitos eram por causa de terras. Algumas pessoas criavam desafetos por invadir terrenos alheios, o que ocasionava em sérios problemas. Diante de tudo isso, as pessoas o procuravam reivindicando seus direitos. Então, a partir daí, Rodrigão reunia essas pessoas para entender qual delas tinha o direito. Depois de conversar, ele então analisava e resolvia toda a situação. Dependendo da gravidade do problema, Rodrigão ia até o local para tentar amenizar o problema. Rodrigão era tão respeitado que não precisava de polícia para resolver conflitos como esses no território Xakriabá.

Carneiro (2004) menciona ainda que a imagem do Rodrigão nunca deve ser apagada e deve permanecer presente na lembrança de cada família do povo Xakriabá porque enfrentou grandes lutas e passou por muito sofrimento em prol do povo Xakriabá.

Ao mencionar a história de Rodrigão, Carneiro (2004) faz muitos elogios em relação à sua forma de trabalhar e também à sua maneira de ser, sua honestidade como pessoa, relatando principalmente sobre a resistência e a esperança que Rodrigão tinha de ver a terra na mão do nosso povo.

3.1 A LUTA DE RODRIGÃO

Nesta seção, relato um pouco sobre a luta de Rodrigão pelos direitos do povo Xakriabá. Quando for possível, relacionarei fatos sobre ele com informações obtidas em Carneiro (2004) ou em uma das entrevistas que realizei. Início comentando um depoimento de uma das informantes que pude entrevistar, Hercília Ferreira de Oliveira, sobrinha do Rodrigão.

Segundo relatou Hercília Ferreira de Oliveira, na época da luta pela terra, sua família passou muito medo devido às perseguições dos fazendeiros que estavam aterrorizando o povo na reserva indígena Xakriabá. Ela cita os momentos por que passou, semelhantes aos que a família de Rodrigão também vivenciaram e afirma que chegou a dormir fora de casa com os filhos, porque seu esposo, juntamente com outros pais de família, estavam ajudando o cacique Rodrigão no combate aos fazendeiros que invadiam as terras Xakriabá.

Outro fato importante que ela me revelou em um momento de conversa informal, foi em relação aos filhos que estudavam. De acordo com ela, eles não podiam ir à escola com medo de encontrar algum fazendeiro no trajeto entre sua casa e a escola. Normalmente, os alunos enfrentavam também muitas dificuldades, por serem os

professores não indígenas e não serem muito assíduos no trabalho. Por causa disso, os alunos ficavam muitos dias sem aula.

Hercília Ferreira de Oliveira cita também que Rodrigão, na época da luta, não tinha recursos para viagens e que muitas pessoas ajudavam com alimentos, como farinha, tapioca, galinha, entre outros. Esses alimentos eram vendidos para arcar com as despesas de Rodrigão durante as viagens que eram destinadas a Brasília em defesa dos nossos direitos. Essas formas de o povo ajudar na luta variavam; enquanto uns davam alimentos, outros ajudavam com o próprio dinheiro.

Segundo Carneiro (2004), no início, Rodrigão lutou sozinho para mostrar seu talento, mas, quando percebeu que estava difícil, escolheu suas lideranças para que o ajudassem a enxergar os problemas dos quatro cantos da Reserva Indígena Xakriabá.

Carneiro (2004) menciona que conhecia a história do cacique Rodrigão desde o começo e que era preciso que sua memória permanecesse para que esse grande homem e sua luta pelo povo Xakriabá nunca pudesse ser esquecida.

No ano de 1967, apareceu na Terra Indígena Xakriabá um homem chamado Calaz, um engenheiro da Ruralminas⁹, medindo as terras dos índios, dizendo para os mesmos que, se não vendessem a terra para ele morar, algo teria que mudar. Até o quintal de Rodrigão foi ameaçado de ser tomado por ele. Rodrigão, naquele mesmo dia, planejou uma viagem a Brasília para procurar os direitos dos índios Xakriabá. Viajou a pé 30 quilômetros até encontrar um carro e com ele conseguiu prosseguir sua viagem. Com muita dificuldade e viajando mais a pé do que de carro, Rodrigão conseguiu chegar ao seu destino, e, com sua experiência, procurou o antigo SPI, que era, na época, o órgão que dava proteção aos índios.

Nesse período, o povo Xakriabá não tinha consciência dos conhecimentos adquiridos por Rodrigão. Segundo José Gomes de Oliveira relata, aos 14 anos de idade, Rodrigão saiu da Aldeia Imbaúba, com o tio chamado André, rumo ao Estado de São Paulo. Lá permaneceu até os 18 anos. Aos 18 anos, deslocou-se do Estado de São Paulo para o estado do Paraná e começou então a trabalhar. Nesse mesmo período, Rodrigão se ingressou no exército, permanecendo lá por três anos. Ele não pode prosseguir devido a uma falsa notícia do falecimento do seu pai, João Antônio Gomes de Oliveira, que o levou a desistir do exército. Porém, a verdade ele só viria a descobrir ao chegar na sua casa. No

⁹Ruralminas, Fundação Rural Mineira, criada em 1966 para agir nas terras consideradas devolutas, como aconteceu na Terra Indígena Xakriabá.

entanto a família do Rodrigo e os entrevistados não souberam relatar de que forma Rodrigo se ingressou no exército.

Após a volta de Rodrigo de Brasília, todo o trabalho do engenheiro Calaz foi barrado. Nem mesmo o engenheiro Calaz da Ruralminas conseguiu sobrepujar a liderança de Rodrigo, certamente por perceber que não estava enfrentando um qualquer e sim um guerreiro disposto a lutar pelos seus direitos e principalmente em prol do povo Xakriabá.

A partir da viagem do Rodrigo a Brasília, descobriram também que ele era reconhecido no exército brasileiro. Sabendo da passagem de Rodrigo pelo exército, muitas pessoas passaram a enxergar nele uma força muito grande, por ter estudado fora do território e ao mesmo tempo por conhecer os costumes culturais do nosso povo e também por estar ciente dos nossos direitos com base nos quais poderia reivindicar e defender nossas terras.

Nessa caminhada, Rodrigo sofreu muitas ameaças de morte por agir no direito, ou seja, dentro dos critérios, conforme a lei. Isso porque Rodrigo evitava sempre a violência. Portanto, sua forma de conduzir as demandas no entorno do Território era, do meu ponto de vista, discreta, de modo que, se fosse de outra forma, poderia deixar instáveis as questões relacionadas à terra Xakriabá. Com o apoio do povo Xakriabá, que reconhecia seu prestígio e sua competência, ele conseguiu prosseguir na luta.

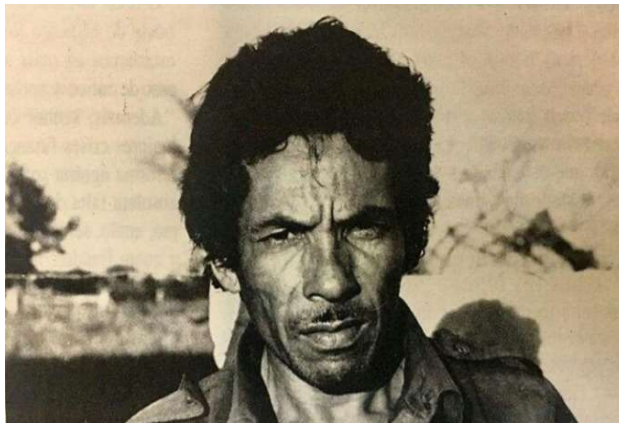
No decorrer dessa intensa luta, apareceram no território muitos grileiros querendo tomar posse de nossas terras. Uma vez chegaram três homens, João Rosório, Bida e Jucão, homens que se diziam ser donos do dinheiro, aterrorizando o povo Xakriabá, ameaçando muitos índios de morte. Por causa dessas ameaças, a casa de Rodrigo muitas vezes foi cercada por pistoleiros armados até os dentes. Mas, com tudo isso que aconteceu, Rodrigo nunca desistiu, porque a esperança dele era ver essa terra na mão do seu povo.

Carneiro (2004) menciona o nome de uma pessoa chamada Lucio Flávio coelho, que não media esforços a serem feitos em prol do povo Xakriabá. Toda vez que precisava do apoio da Polícia Federal, ele era muito cauteloso, ou seja, tinha o cuidado de observar o que estava acontecendo para assim agir na expulsão dos grileiros do território Xakriabá. Esse Lúcio Flavio Coelho de quem fala Carneiro (2004) era, na época, o delegado da FUNAI. Nesse período, a Reserva Indígena estava em conflito com fazendeiros e as decisões eram sempre tomadas junto ao cacique Rodrigo, que agia sempre dentro da lei.

Carneiro (2004) cita também seu companheiro de luta, o líder Rosalino, homem guerreiro, que lutou muito defendendo nossas causas. A história de Rosalino é muito triste. Segundo relata o livro *O Tempo Passa e a História Fica*, no dia 12 de fevereiro do ano

de 1987, por volta das duas horas da madrugada, chegaram à Aldeia Sapé, local em que morava Rosalino Gomes de Oliveira, um grupo de grileiros liderados por Francisco de Assis Amaro. Esses grileiros se identificaram como homens da Polícia Federal. Dividiram-se em dois grupos, arrombaram a casa de Rosalino e, a partir daí, iniciaram um tiroteio, atingindo mortalmente Rosalino e mais dois índios Xakriabá chamados Manuel Fiúza e José. Em meio ao tiroteio, a esposa de Rosalino, Anísia Nunes, que estava grávida de dois meses, também foi baleada com um tiro no braço.

Por ordem dos pistoleiros, Anísia e seus filhos foram obrigados a sair para fora da casa. Os pistoleiros queriam conferir se Rosalino estava mesmo morto. Em seguida, os pistoleiros obrigaram José Nunes de Oliveira, filho do Rosalino, que tinha apenas 10 anos de idade, a arrastar o corpo ensanguentado do quarto até a porta da casa. José Nunes chorava por não aguentar o peso de Rosalino que já estava morto, mas os pistoleiros faziam ameaças a ele, dizendo: *“vamos arreventar seus miolos se não conseguir arrastar seu pai para fora da casa”*. Diante daquele momento de terror, Anísia suplicava ao filho para que chegasse ao ponto indicado pelos bandidos. Então, José Nunes segurou firme o braço do seu pai Rosalino e conseguiu chegar até a porta.



Rosalino Gomes de Oliveira (Fonte: CEDI, 1990)¹⁰

É importante ressaltar que Rosalino foi muito importante nesse processo de retomada da reserva indígena Xakriabá, pois, no mesmo ano em que ocorreu sua morte, nossas terras foram homologadas e oficializadas. Após a chacina dos três índios Xakriabá, 89 famílias de posseiros que viviam na Reserva Indígena Xakriabá foram retiradas.

¹⁰ Fotografia retirada de Santos e Oliveira (2017)

3.2.1 RODRIGÃO E A POLÍTICA

Um assunto bastante citado segundo Carneiro (2004) é a relação de Rodrigão com a política no território Xakriabá. Na política, Rodrigão foi candidato a vice-prefeito no Município de São João das Missões, município em que o território Xakriabá está localizado. Esse é um assunto que não irei aprofundar muito, apesar de que a política é democrática, ela é, ao mesmo tempo, polêmica em todos os lugares, por isso optei por não falar muito sobre essa etapa de vida vivenciada por Rodrigão para evitar qualquer problema.

Segundo José Gomes de Oliveira, depois que a terra já tinha sido demarcada no Território Xakriabá, já no ano de 1992, houve um candidato a prefeito chamado José Ferreira de Paula, conhecido como Zé de Paula, que foi apoiado pelos Xakriabá e por esse motivo foi eleito. Nesse mesmo período, Rodrigão se candidatou a vereador e foi eleito também pelo povo Xakriabá, com um total de 427 votos.

Logo após as eleições, José Ferreira de Paula, atuando como prefeito, iniciou um projeto de construções de escolas, que era uma das demandas a serem atendidas na época em que nossas escolas ainda eram Municipais. Ele iniciou as obras com objetivo de ganhar confiança do povo, pois, segundo José Gomes de Oliveira, ele tinha uma fazenda na Aldeia Sapé e sua aparente benevolência tinha outras intenções por trás. Nessa época, o cacique Rodrigão percebeu que, na verdade, Zé de Paula não queria ajudar o povo e sim se apropriar dessa terra que ele tinha em nosso território. Como resultado do processo da luta pela terra promovido pelos Xakriabá, saiu, no diário oficial, que Zé de Paula tinha perdido a causa dentro da reserva. Como consequência, Zé de Paula iniciou um movimento de retirada das terras Xakriabá. A partir daí, ficou claro para todos o principal interesse do prefeito em agradar os Xakriabá. Os maquinários que estavam perfurando poços artesianos foram retirados, assim como os funcionários que estavam trabalhando nas construções das escolas.

A retirada de Zé de Paula comprometeu o andamento das construções que estavam acontecendo em várias aldeias e as obras foram todas completamente paralisadas, causando muita tristeza ao saber que o sonho do povo Xakriabá de ter uma escola para seus filhos tinha sido interrompido naquele período. Esse acontecimento foi um impacto muito grande e que pegou todos de surpresa.

A partir daí, o povo rompeu a confiança que tinha no prefeito eleito e como consequência Zé de Paula perdeu todo o apoio do povo Xacriabá. O prefeito começou então a perseguir os índios do nosso território, dificultando as relações entre os Xacriabá e o entorno das aldeias. Por causa disso, nas eleições seguintes, Rodrigão passou a apoiar outro candidato, só que esse candidato não conseguiu ser eleito. A partir daí, Rodrigão começou um novo processo, dessa vez para emancipar o Município São João das Missões.

José Gomes de Oliveira cita que era funcionário do Zé de Paula e teve então que se afastar do cargo que ocupava para assim seguir nessa luta junto ao seu pai Rodrigão, que demorou, segundo ele, muito tempo ainda. Ele, junto ao seu pai Rodrigão, começa a trabalhar nas aldeias fazendo reuniões. Foi então criado o processo de emancipação e em seguida teve o plebiscito. Logo após o plebiscito, vieram as chapas partidárias e Rodrigão recebeu o convite para ser vice prefeito. José Gomes de Oliveira cita que, quando Rodrigão atuou como vereador, não pôde exercer sua função plenamente, devido à falta de apoio que não teve do prefeito Zé de Paula, como consequência dos conflitos ocorridos em relação à grilagem de terra.

José relata que, naquele ano de política, seu pai colocou seu nome como candidato a vereador. Nessa época, foram eleitos dois vereadores indígenas, José Gomes de Oliveira, da Aldeia Brejo Mata Fome, e o seu Valdemar, conhecido como (Valdim), da Aldeia Barreiro Preto. José Gomes de Oliveira relembra que, Rodrigão atuando como vice prefeito, pôde fazer alguma coisa para a Povo Xacriabá.

Vale lembrar que Rodrigão teve um papel de grande relevância na política. Ele foi o mediador e proporcionou a entrada dos novos candidatos que surgiram após sua morte, candidatos esses que foram eleitos e representaram suas funções de forma muito eficiente em prol das comunidades indígenas Xacriabá.

3.2 A MORTE DE RODRIGÃO

Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão) teve sua vida interrompida no dia 25 de abril do ano de 2003. Seu estado de saúde foi se agravando aos poucos, deixando-o muito debilitado. A causa de sua morte foi por complicações cárdio-congestivas, que é quando o coração não consegue mais bombear o sangue.

A notícia da sua morte foi um momento de muita tristeza para o povo Xakriabá. Durante o velório, a quantidade de pessoas prestando solidariedade à família foi imensa, pois Rodrigo tinha muitos parentes, amigos e admiradores que nesse dia também não deixaram de dar seu último adeus. Segundo relata matéria do Jornal Vale do Sol (edição de abril de 2003), Rodrigo era hipertenso, já havia sofrido quatro crises nos meses anteriores. No dia em que morreu, ele chegou a ser atendido pelo médico da aldeia, chamado Ailton Cunha, às 16 horas. Após ser medicado, a pressão foi controlada, mas, mesmo assim, resistiu à orientação do médico, que era a de que fosse internado na Fundação Hospitalar de Amparo ao Homem do Campo, no Município de Manga, a 20 quilômetros da Aldeia Brejo Mata Fome.

Às 17 horas do mesmo dia, Rodrigo voltou a passar mal e novamente recebeu atendimento de emergência, desta vez na Aldeia Sumaré, pelo Dr. Adyler Duarte. Todavia, no hospital do Município de Manga, às 19 horas, foi atendido pela médica Valeria Coutinho, porém 10 minutos após ter falecido.

Seu corpo foi enterrado ao lado da Igreja Nossa Senhora Aparecida, localizada na aldeia Brejo Mata Fome.

A morte de Rodrigo foi notícia de uma matéria no jornal vale do sol, publicado em abril de 2003. A morte dele foi assim anunciada no jornal:

“Aos 63 anos de idade, morreu em uma sexta-feira, por insuficiência Córdio-congestivas, o cacique Xakriabá Manoel Gomes de Oliveira, o Rodrigo.” Xakriabá choram a morte de cacique: Jornal Vale do Sol, São João das Missões: abril de 2003. (Ano VIII, Edição N° 105 p.1,4)

A matéria do Jornal cita que ele foi uma das maiores lideranças indígenas do Brasil. Filiado ao PDT, já havia exercido um mandato de vereador na cidade de Itacarambi e também havia sido Vice-Prefeito no Município de São João das Missões, no período de 1996 a 2000.

O jornal Vale do Sol relata que Rodrigo deixou como legado uma história de lutas, tendo sido responsável por muitas conquistas na nação Xakriabá, a maior etnia indígena de Minas Gerais, dividida na época em 23 aldeias, numa área de 52 mil hectares, que correspondia a 78% da superfície territorial de São João das Missões.

A matéria cita ainda que, no período da ditadura militar, Rodrigo chegou a ser preso no DOPS, em Belo Horizonte, na companhia da esposa Rosalina de Jesus Carneiro

de Oliveira¹¹. A viúva D. Rosa de Araújo Oliveira tinha na época 57 anos de idade, 38 dos quais foram vividos ao lado do marido Rodrigão, união que resultou em 12 filhos (seis vivos) e 13 netos.

Rodrigão deixou para o povo Xakriabá uma história repleta de grandes conquistas e lembranças que dificilmente serão apagadas de nossas memórias. Além de ser um líder, era também uma pessoa muito querida, amigável e conselheira, que sempre estendia a mão àqueles que necessitassem de ajuda. Posso aqui dizer que essa herança tem um grande valor para nosso povo, porque toda a sua conquista no decorrer da vida custou muitos esforços e perseverança, sempre pensando no bem estar de todos.

O tempo passou, mas o povo ainda guarda muitas lembranças, não só por ele ter sido o grande cacique, mas também por ter sido solidário a quem o procurava. Na aldeia Brejo Mata Fome, há muitos relatos de pessoas que passavam necessidade às vezes por falta de alimentos e que se valeram de Rodrigão, que não mediu esforços para ajudá-los.

3.3 O LEGADO DE RODRIGÃO

Após a morte de Rodrigão, muitas coisas mudaram no território Xakriabá. Uma das mudanças que ocorreram foi em relação à política. Entendo que ele abriu as portas para o nosso povo, ou seja, serviu de incentivo para conduzir os Xakriabá para a política. Tanto é que, depois de Rodrigão, dois índios Xakriabá já se elegeram no município de São João das Missões como prefeitos. Nosso atual prefeito já conseguiu se eleger por três mandatos. A partir dessa caminhada, muitas coisas mudaram porque o prefeito, sendo indígena, facilita o diálogo entre a Terra Indígena e o município, o que tem como consequência melhorias no entorno do território, dentro do território e nas relações com os não indígenas. O fato de o prefeito ser indígena, aumenta as possibilidades de entrada de mais vereadores indígenas na câmara, ajudando-nos cada vez mais nos projetos que envolvem a nossa comunidade.

A partir de uma decisão coletiva, o cacique Domingos Nunes de Oliveira foi escolhido para dar continuidade ao trabalho que exercia nosso querido Rodrigão. Portanto, o povo Xakriabá ficou durante um ano sem cacique, período esse em que o vice cacique Alvino assumiu o lugar de Rodrigão enquanto fosse tomada a decisão referente a essa

¹¹ O jornal registrou errado o nome da esposa de Rodrigão. Em vez, de Rosalina de Jesus Carneiro de Oliveira, escreveu Rosalina de Araújo Oliveira.

escolha. O modo de conduzir o povo mudou após Rodrigão, porém continua a mesma essência deixada não só por ele, mas também pelos velhos chefes.

Apesar de Rodrigão ter deixado um grande legado na política, a maior herança que ele deixou para o seu povo foi a luta, pois só através da luta conquistamos a demarcação da Terra Xakriabá e, através dessa mesma luta, o povo Xakriabá vem garantindo nossos direitos desde então. Como consequência, estamos trilhando o mesmo caminho percorrido por Rodrigão, pois, além das lideranças que acompanham o atual cacique nas tomadas de decisões, temos também a participação de todo o povo e principalmente da juventude em tudo. Os jovens são a ponte por onde passam os conhecimentos, vindos dos anciãos para as crianças. Assim, relembramos a história daqueles que já foram e preservamos os conhecimentos tracionais de forma que não sejam esquecidos e continuem sendo praticados do mesmo modo que nossos ancestrais os praticavam.

Como já informei, segundo relato de pessoas da comunidade, Rodrigão era um homem muito respeitado pelo povo Xakriabá e especialmente pelas pessoas mais velhas. Se alguém precisasse de informações sobre o povo ou sobre as terras Xakriabá, ele era a referência. Se alguém precisasse fazer alguma entrevista com os Xakriabá, teria que primeiramente pedir sua autorização, principalmente se fosse um desconhecido.

Por meio das entrevistas que realizei para esta pesquisa com pessoas mais velhas da comunidade, descobri que há alguns anos aconteceu um fato muito importante durante o período do Rodrigão como cacique. De acordo com esse relato, um pesquisador não índio foi até a casa de uma anciã, moradora da aldeia Imbaúba I, com a intenção de fazer uma entrevista com essa anciã, pedindo-lhe autorização ao bater em sua porta. A anciã perguntou então a esse pesquisador se ele havia pedido autorização ao cacique e, ao receber uma resposta negativa, a anciã informou que naquele momento não poderia ser feita a entrevista e pediu que ele voltasse outro dia, com a autorização do cacique. A pessoa interessada na entrevista foi então até a casa do cacique, fazendo como a anciã havia pedido. Após a conversa com o cacique, ela não recebeu resposta, mas recebeu dele um burro arreado para ir montada até à casa da anciã. Chegando de burro ao seu destino, a anciã perguntou se a autorização havia sido dada pelo cacique e o entrevistador informou que não havia tido a resposta e que havia apenas recebido o burro para que fosse até a sua casa. A partir daí, a anciã não perguntou mais nada, com a certeza de que o cacique já havia concedido a esse pesquisador a autorização, pelo fato de ela ter vindo

montada naquele burro, que era o meio de transporte com que Rodrigão fazia suas viagens a curtas e longas distâncias.

O cacique Rodrigão tinha uma ligação muito forte com as pessoas e um jeito especial de se comunicar com elas. Pode-se perceber, a partir desse relato, que as pessoas, sem terem nenhuma conversa com ele, entendiam as mensagens que ele transmitia, como foi citado anteriormente no trecho acima. É possível notar também uma comunicação direta que o Cacique tinha com o povo, além da forma como preparava seu povo para identificar possíveis invasores ou pessoas mal intencionadas, que quisessem se aproveitar das pessoas da comunidade.

3.4 ESTRATÉGIAS DE LUTA DO POVO XAKRIABÁ

As pessoas que estavam à frente do povo antigamente tinham suas próprias estratégias para que não tivessem nenhum impedimento na hora de resolver alguma coisa relacionada à luta. Caso precisassem viajar, preferiam fazê-lo à noite para que não fossem notados. Na maioria das vezes, viajam pelos carreiros¹² porque, se passassem pela estrada principal, corriam o risco de serem pegos pelos fazendeiros. Para que isso não ocorresse, as viagens eram realizadas em segredo. Por isso, nem as famílias sabiam para onde os líderes estavam indo. Além disso, para que os fazendeiros não ocupassem as terras Xakriabá, foram colocadas pessoas em todos os lados da Terra Indígena, em pontos estratégicos, com a missão de proteger o lugar e impedir que fosse ocupado por não indígenas. Em contrapartida, os fazendeiros também tinham seus truques para avançar no território e ter acesso aos documentos importantes que o povo tinha.

Os fazendeiros utilizavam a bebida alcoólica para tentar retirar informações importantes, traziam bebidas para as pessoas, para que elas falassem sobre aquilo que eles queriam saber. No entanto, mesmo quando estavam alcoolizados, eles não falavam sobre os segredos do povo.

A questão do álcool se tornou incontrolável no território Xakriabá. Quando Carneiro (2004) fala da luta, é importante pensar que, mesmo depois que tudo chega a um certo controle da situação, essa luta não para. É verdade que os fazendeiros foram

¹²Carreiros são caminho estreitos ou trilhas, que hoje são feitos principalmente para ir para as roças. No passado, como não havia muitas estradas, os carreiros eram os caminhos normais seguidos por pessoas que viajavam.

expulsos das nossas terras, o cacique Rodrigo tem seu mérito por sua coragem imensurável juntamente com seus guerreiros que sempre o ajudaram, mas, como Nelson Gomes de Oliveira cita na sua fala, os fazendeiros saíram, mas deixaram sua marca no uso das bebidas alcoólicas como foi dito anteriormente. Esse problema o cacique Rodrigo tentou resolver por diversas vezes e não conseguiu. Alguns chegaram a ser presos por comercializar bebidas alcoólicas, mas essas prisões não conseguiram coibir o problema, pois ainda assim não pararam; é um problema que infelizmente continua acontecendo.

Em consequência desse problema, destaco aqui a morte do meu próprio pai, pois mesmo não bebendo com frequência, tornou-se uma vítima desse elemento que veio de fora do território. É importante ressaltar também que, assim como aconteceu com o meu pai, muitas pessoas já perderam a vida em decorrência de ingerirem bebidas alcoólicas no Território Xakriabá. Muitas outras pessoas já choraram a morte de alguém de sua família assim como a minha chorou.

Uma estratégia que passou a beneficiar e a unir o povo Xakriabá é o cultivo da roça por meio do mutirão. O cultivo de roça é praticado há muito tempo pelos Xakriabá e sua prática tem sido passada de geração a geração. O mutirão, que é uma forma de trabalhar em grupo, passou a ser adotado para fortalecer os agricultores Xakriabá. Essa modalidade de trabalho se mostrou muito eficaz e proporciona mais união entre os membros familiares de um povo, assim como aconteceu na luta pelo território Xakriabá.

Segundo Nelson Gomes de Oliveira, professor da aldeia Imbaúba II, algumas estratégias foram adotadas ao longo das lutas pelo Território Xakriabá, época em que a Terra Indígena se encontrava de ponta cabeça, ou seja, estava sendo invadida por fazendeiros.

O termo “ponta a cabeça” mencionado acima por Nelson se refere às situações em que o povo Xakriabá estava enfrentando na época, que eram as invasões de terras e principalmente as vendas de terras. Segundo ele, a prática de mutirão ajudou o povo Xakriabá a resistir contra a pressão de fazendeiros sobre a Terra Indígena, como relato a seguir.

Nessa época, algumas pessoas estavam sendo pressionadas a venderem suas terras e, em momentos de desespero, tão frequentes nesse período, acabavam as vendendo, por entenderem que seria a melhor solução. Essa situação, nas comunidades, se complicava ainda mais, porque aqueles que vendiam incentivavam outros para que também vendessem suas terras com o argumento de que, se não vendessem, ficariam sem nada. A

causa dessa situação foi a quantidade de fazendas que foram se concentrando ao redor das terras Xakriabá e isolando algumas famílias a ponto de se verem cercadas de fazendas e, por isso, sofrerem diretamente o assédio dos posseiros que a cada dia se avizinhavam de suas terras.

Nelson relata também que pessoas da sua família venderam suas terras e acabaram saindo do território para ir morar nas cidades vizinhas. Inclusive, segundo ele, muitas delas ainda hoje moram fora da Terra Indígena. Diante de situações como essa, a resistência dos fazendeiros nas terras Xakriabá tendeu a aumentar. Era frequente, segundo Nelson, que fazendeiros comprassem um hectare de terra e acabassem cercando uma extensão maior. Com esse problema, Rodrigo aconselhava o povo Xakriabá para que não vendesse suas terras, pedindo para que se mantivessem firmes, sempre incentivando a posse da terra pelos Xakriabá.

Nesse período, acontece então o incentivo dos representantes legais de Brasília como a FUNAI, que por meio da prática do mutirão, garantia que as pessoas permanecessem reunidas durante as etapas do cultivo de roças, atividade ainda muito frequente do povo Xakriabá¹³. Além disso, a prática de mutirão era fundamental para manutenção do sustento das famílias¹⁴, já que garantia que todos os envolvidos tivessem a porção que seria vendida e a que caberia ao sustento de suas famílias, incentivando assim o apego às terras e coibindo dessa forma a pressão dos fazendeiros sobre o território. A partir do mutirão, o povo Xakriabá começou a entender que, com um grupo unido, seria mais difícil sofrer um ataque por parte de fazendeiros e mais fácil resistir aos assédios para a venda de terras.

O mutirão funciona como uma agenda. Por exemplo, um dia se marca o trabalho para a roça de uma pessoa, no outro dia, para outra, até atender aquele povo que faz parte daquela equipe do mutirão. Se forem dez pessoas que fizerem parte daquele grupo, o trabalho cooperativo circulará até completar as dez pessoas, beneficiando assim todos do grupo. O único gasto que os participantes têm é a alimentação para os trabalhadores, despesa que incidirá sobre cada um dos participantes daquela equipe no dia em que for

¹³ Embora muitos dos Xakriabá atuais sejam agricultores, muitos produtos vêm hoje de fora da Terra Indígena.

¹⁴ Atualmente, muitas famílias ainda têm como fonte de renda exclusiva a agricultura, embora hoje em dia muitos Xakriabá já tenham outras fontes de renda por meio de profissões como as de professor, agente de saúde, auxiliar de enfermagem, dentista, motorista, entre outras.

trabalhar em sua roça, mas que será compensada quando o trabalho for na roça de outra pessoa, que, por sua vez, custeará a alimentação.

É importante ressaltar também a participação da criança no trabalho de mutirão. Não que ela faça o mesmo serviço pesado dos adultos, como no roçado, na derruba, na limpa de uma roça, mas crianças dão suporte ao trabalho dos adultos, ficando de prontidão para avisar ao grupo caso apareça uma ameaça no local de trabalho, como a presença de um fazendeiro.

Hoje, por mais que as relações de trabalho tenham se modificado pela influência do capitalismo, muitas pessoas ainda usam esse sistema, uma estratégia de luta que se tornou uma ferramenta de trabalho de fundamental importância. O povo Xakriabá percebeu que esse sistema poderia ser muito produtivo, e, por mais que o dono da roça precise fornecer alimentação ou ainda alguma bebida ao grupo, ainda assim compensa, porque, em um único dia, é feito o que o dono da roça levaria um mês para fazer se estivesse sozinho.

A modernização e o capitalismo foram crescendo dentro do território e substituindo a agricultura tradicional. Além disso, o período de chuva foi ficando mais escasso, e isso fez com que a terra produzisse cada vez menos. Hoje, o que é colhido não é o suficiente para o sustento do povo. A modernização também reflete a chegada das tecnologias como celulares, internet, computadores e vídeo games, que, obviamente, contribuem para a diminuição da produção de alimentos das roças, pois muitos jovens da atualidade, não trabalham com a mesma intensidade que trabalhavam antigamente, o tempo que têm para se dedicar à ajuda aos pais nos afazeres do cotidiano é substituído pelo uso dos aparelhos tecnológicos.

Para suprir as necessidades básicas de subsistência, faz-se necessário comprar aquilo que não é produzido no território. A dependência dos produtos industrializados teve um avanço muito grande quando comparado com as últimas décadas, e, a cada ano que se passa, produzimos menos, de modo que nos tornamos refém desses produtos que vêm de fora.

O crescimento da relação de dependência junto aos pequenos supermercados que atuam no território supre nossas necessidades e contribui para a comodidade, mas, ao mesmo tempo, causa um sério problema às comunidades Xakriabá. Além de diminuir o número de agricultores no território e assim facilitar a entrada de alimentos de qualidade inferior, como transgênicos, alimentos com agrotóxicos ou ultraprocessados, essa mudança de hábitos acaba contribuindo para aumentar a quantidade de lixo nas aldeias,

trazendo assim problemas que antes estavam restritos às cidades do entorno. Tem aumentado o acúmulo de lixo e a poluição da água com esgoto e materiais descartados, principalmente embalagens plásticas, prejudicando assim os recursos naturais e a qualidade de vida no território Xakriabá. Quando produzíamos os nossos próprios alimentos, tínhamos nossas formas de armazená-los sem precisar usar embalagens que prejudicassem o ambiente.

Nos últimos anos, vem crescendo bastante o número de pessoas cuja renda vem de outras atividades de trabalho, como professores, secretários, cantineiras, agentes indígenas de saúde, técnicos em enfermagem, enfermeiros, dentistas, etc. Essa alteração no trabalho modificou também os hábitos da comunidade, fazendo chegar às aldeias facilidades comuns das cidades como eletrodomésticos e aparelhos elétricos e eletrônicos em geral. Com a modernização, também mudaram muitos outros hábitos. Nosso povo tinha, por exemplo, um método bastante utilizado no combate às pragas nas plantações, que era a partir das ciências usadas desde nossos ancestrais. Conforme o contato com as cidades e as coisas de lá aumentou, novos recursos foram sendo introduzidos e as pessoas acabaram aderindo também ao uso de inseticidas no combate a essas pragas e também ao *Houndup*, que dispensa a capina mecânica e conseqüentemente proporciona economia de dinheiro e de tempo ao produtor. Por outro lado, sabe-se que esses venenos prejudicam não só o solo, mas também os microrganismos benéficos ao solo e a saúde do agricultor e das pessoas que fazem uso dos alimentos produzidos.

Essas mudanças que vêm surgindo, com o decorrer do tempo, impactaram também a prática mutirão. Embora alguns agricultores ainda o pratiquem, ele não é mais tão comum entre nós.

O retorno dessa forma de trabalho pode ser muito útil para o povo Xakriabá, uma vez que, mesmo sendo hoje pouco praticado nas comunidades, poderia favorecer uma produção de alimentos maior e mais saudável de produtos como milho, mandioca, feijão, andu dentre outros. O aumento da produção de alimentos poderia inverter a situação que temos hoje, de modo que nossos produtos poderiam voltar a ser vendidos nas cidades vizinhas ou mesmo trocados entre o próprio povo Xakriabá. Sendo assim, a dependência dos alimentos externos poderia ser menor.

É importante ressaltar que meu pai também era agricultor e trabalhava muito a prática do mutirão, embora não tenha mencionado sobre esse assunto nos seus escritos. Posso aqui dizer que também estou envolvido nas mudanças que vêm ocorrendo nos últimos tempos, pois, devido a trabalhar como professor, também não pratico a

agricultura com a mesma frequência com que trabalhava o meu pai e praticamente tudo o que a minha família consome hoje são alimentos que vêm de fora do território.

Ao abordar o mutirão, é importante lembrar também que muitos jovens conhecem o mutirão mas não sabem a história dessa prática e do envolvimento do povo xakriabá no período da criação do mutirão e principalmente da importância do Rodrigão em frente à luta pela terra nessa época. Portanto, os jovens devem tomar consciência das nossas tradições, cuidando para que se fortaleçam. E a melhor forma de fazer isso será buscando conhecimentos com os sábios Xakriabá. Esses conhecimentos portanto, podem ser uma ferramenta de luta, ou seja, podem se tornar uma estratégia para enfrentar os momentos que vivemos na atualidade que são os preconceitos em relação à nossa identidade, mostrando para a sociedade que as nossas tradições antigas ainda se mantem vivas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao construir esse trabalho, obtive muitos conhecimentos sobre meu pai, sobre seu envolvimento político e, também, principalmente, sobre a vida de Rodrigão e de outras lideranças. Me interessei por esse tema pelo fato de meu pai ter deixado escritos sobre Rodrigão e sobre a luta Xakriabá. Os relatos que ele vivenciou e registrou em seus escritos recordam os períodos de lutas que incansavelmente foram vividos por Rodrigão e pelos que o cercavam, entre eles meu pai. Conhecer mais sobre meu pai e sobre Rodrigão permitiu entender a intensidade da luta pelos direitos do povo Xakriabá.

Desenvolver esta pesquisa permitiu que eu pudesse homenagear meu pai e, além disso, me permitiu ter mais conhecimento sobre o território Xakriabá, sobre a história do nosso povo, fortaleceu minha identidade indígena e me fez consciente da necessidade de lutar pelos nossos direitos.

Espero que este trabalho possa servir como incentivo para a juventude continuar lutando em prol dos interesses indígenas. Nele, abordo as dificuldades enfrentadas pelas lideranças Xakriabá que lutaram com muita bravura e determinação. Espero então que os jovens possam valorizar os esforços que os nossos antepassados tiveram para conseguir vencer grandes batalhas.

Durante as entrevistas, pude compreender muitos detalhes em relação ao povo Xakriabá que sempre tive curiosidade de saber. Espero que, através deste trabalho, outras pessoas se interessem em pesquisar mais sobre o território e que a pesquisa possa circular dentro das nossas escolas, possibilitando aos alunos conhecer a história Xakriabá e principalmente a do cacique Rodrigão. Espero também que, após essa minha iniciativa, alguém da família do Rodrigão possa continuar essa história, pois, durante a construção deste trabalho, pude compreender que alguns assuntos somente a família tem a plena liberdade de dizer algo a respeito deles e, se for o caso, divulgá-los.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Mailson Alves de. A Relação da Comunidade Xakriabá com o Córrego Riacho do Brejo. Belo Horizonte: Editora UFMG, ano 2019, p. 10

CARINO, Jonaedson. “A Biografia e sua Instrumentalidade educativa”. Rio de Janeiro:Quartet Editora & Comunicação, Ltda. ag. 1999, p. 154.

ESCOBAR, Suzana Alves; “Desdobramento em outro Documento”. Assinar como Índios ou Possheiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, (Fevereiro de 2012)

ISA_ INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povo Xakriabá. (2006) Disponível em <https://piib.socioambiental.org/pt/povo:xakriabá%c3%al> Acesso em 16/08/2020.

MENDONÇA, Augusta Aparecida de. O começo da história. A história continua. Belo Horizonte: Editora UFMG, ano 2014

NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953

RESENDE, Márcia Maria Spyer; ALMEIDA, Maria Inês de. O tempo passa e a história fica. Belo Horizonte: MEC/UNESCO/PIEI-MG, 1997

SANTOS, Ariclones Ferreira dos ; OLIVEIRA, Aparecido Rodrigues de. A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá de Rancharia (MG). [Monografia]. UFMG : Faculdade de Educação/FIEI/CSH, 2017

Xakriabá choram a morte de cacique; Jornal Vale do Sol, São João das Missões: abril de 2003. (Ano VIII, EDIÇÃO N° 105).

6. ANEXOS

ENTREVISTAS REALIZADAS

ENTREVISTA I

José Gomes de Oliveira (filho de Rodrigão) em 17/04/2019, nascido em 05/12/1970, morador da aldeia Brejo Mata Fome



José Gomes de Oliveira em sua casa no dia da entrevista

Mãe relatô pra nós que ele saiu daqui da aldeia Imbaúba com a idade de catoze ano mais o ti André, que não tenho assim conhecimento, mais levô ele pra São Paulo pela primera veiz que ês foram aí de lá ficô um tempo acho que da idade de 18 ano que foi po Paraná trabaia lá e ingressô no exército acho que ficô três ano lá no Paraná que era pra dá continuidade, foi na época que ele pediu pra, tipo assim, deu baixa né... Que saiu na época

um comentário que o pai dele tinha falecido mais era história aí quando ele chegô parece que passô um ano, depois que ele chegô do Paraná já vei do exército já vei já Que eu lembro ele chegô ainda encontrô o pai dele, já bem assim já doente, mais tava vivo. O pai dele chamava João Antônio Gomes de Olivera e a mãe chamava Leonida do Carmo de Olivera, segundo ele contô pra nós que ele demorô um tempo porque na época aqui não chamava cacique, dos povo mais antigo mermo ês, na época, aqui não chamava cacique, na época dos povo mais antigo mermo ês falava num tau de Capitão otros chamava chefe e segundo um relato do povo mais véi tinha um home que chamava Pedro Gerômo que era antes de pai, que era chefe antigamente ai depois do Pedro Gerômo ele morreu ficô muitos ano assim, foi na época que pai tava pra fora ai quando ele chegô, foi em busca do direito, foi lá pra Brasília fico sete ano pra vim restaurar começo da luta da FUNAI, começo em 1974 na época eu já tava com 4 anos de nascido e daí pra cá agente companhô muita assim o trabai dele, demorô assim pra que a FUNAI reconhecesse o direito pra chegar o ponto de demarcá. Nessa época tinha eu e Divaldo, que era nascido, morava primeiro no Barreiro depois vei pra Imbaúba nós vei pro Brejo, essa faxa duns 77□78 tomem vei Rosa depois Regina ai vei Edir, depois Betinha (Elizabeth) mais de lá mermo do barreiro só vei eu e Divaldo (Edivaldo), aí quando ele foi pra Brasília, aí já levô o pessoal do finado Maroto que foi de sete a oito pessoa que foi mais ele, a FUNAI queria um reconhecimento de mais pessoa pra ver se tinha índio mermo que ele falô pra nós que quando já tinha umas quatro viaje já na FUNAI exigiu pra que pra conclui assim o processo de reconhecimento tinha que tê o cacique né, representano a etnia. Aí nós morava ali do outro lado aí foi onde que teve a eleição a reunião grande, eu lembro que ele me falô foi quatro pessoas que eu era pequeno não lembro, as pessoa que foi nomeado candidato, foi Miguel do finado Mariano, irmã da tia Luzia do Riacho do Brejo é.... Valdemar daqui da Aldeia Imbaúba, hoje ele tá morano na Aldeia Prata é.... o terceiro foi o finado Laurindo, que faleceu agora poucos dia e o quarto foi pai aí fez a votação, o véio Laurindo ficô em segundo lugar e em primeiro ficô pai com 276 mais ou meno que ele me falô voto, aí ficô ele seno o cacique, aí pra, representá a reserva que, foi uma votação pelo povo, nessa época era só cacique ainda não tinha vice aí que depois ele disse que tinha que reunir o povo pra colocar a liderança mais demorô, na época era só cacique. Eu lembro que quando nós vei do Barreiro mermo mãe disse que eu tava com sete ano desde quando ele tava no Barreiro ele já tinha começado já, ele viajano mermo começô em 1967 mais foi cabar de concretizar igual mãe colocô aí, tinha uns sete ano já de luta pra que viesse a FUNAI primeira vez que vei aqui. Sei que foi um momento difícil, mãe companhô uma boa parte junto com ele, eu lembro que a casa nossa foi invadida várias vez de polícia e fazendeiros pra tentar impedir pra que não fosse a luta em frente, depois da evolução da FUNAI aqui dentro da reserva é que vei né à demarcação aí vei o pessoal de Brasília com.... e reuniu né o povo aqui pra fazer as picada pra tentar fazer a demarcação mais demorô um bucado de ano, nós mermo dormimos duas noite fora de casa, mais muitos deles aí ficô muito tempo sem poder dormir em casa, depois desse período as coisas já começa dá andamento no processo, mais demorô um tempo pra o povo começar a viver com tranquilidade e esquecer as agressões que houve, vários índios foi preso na época pra tentar impedir a demarcação. Como a FUNAI pediu que sempre o cacique tem que ter um substituto dele na sua ausência as vezes que viajar até a serviço

da reserva mermo tem que ter uma pessoa ali pra assumir o trabalho interno da reserva aí eu lembro que ele nomeô na época ti Imilo (Emilio) da Aldeia Pedra Redonda que ficô um bom período como vice cacique eu não lembro assim quantos ano ele ficô, mais eu sei que ele ficô um bom tempo e trabalho bem assim pra Reserva, aí depois passado uns ano aí houve reunião de novo aí eles nomearam uma outra pessoa que a gente que até inclusive parente nosso, a gente chama ele de Arvelino aqui da Aldeia Riacho do Brejo que também é sobrinho do finado Rodrigo (meu pai) pra vice cacique, e nessa luta ele continua até hoje de vice cacique trabaiano pro povo, nessa caminhada pra Brasília houve muita perseguição até eles tentando pnhar polícia na estrada pra prender ele pra não deixar correr atrás do direito, nesse tempo aqui não tinha linha de ônibus né, aí ês ia pegá carro no Peruaçu pra poder ir pra Januária e lá ele não pegava o ônibus na rodoviária, tinha que ficá na saída pra pegá o ônibus porque ficava cercado de polícia pra tentar impedir pra ele não ir em busca do direito. Passado muitos anos, aí já com a reserva demarcada aí houve ainda também um prefeito, assim na época foi nós chegô até apoiar ele, nós não que eu era pequeno, pai né e o povo da Reserva pra prefeito Zé de Paula, aí quando ele ganhô de prefeito aí ele iniciô as escolas que na época não era do estado era do município, falano pro povo que ia trabaia em prol da Reserva mais o interesse não era ajudar a Reserva era por causa de um Que ele tinha uma fazenda na Aldeia Sapé e aí na luta da terra ele perdeu o direito no diário oficial que ele tinha tinha perdido a causa dento da Reserva aí foi já tirô todas ao maquinário que tava furano poço artesiano, os funcionário trabaiano na escola, vários aí construino tava fazeno a da sede (Brejo Mata Fome) lá da Aldeia Prata, Itapicurú, Barra do Sumaré. Essas obra foi toda paralisada, aí ele tirô tudo, aí ele começô já seno perseguino pai, já não servia mais os índios como eleitor pra ele, aí já começô perseguir a reserva, aí passô uns ano pai num apoiô mais ele, aí apoiva outro candidato só que, o que a gente apoiava era Rudimar ele perdia as eleição, e aí pai foi entrô de candidato a vereador ganhô eu acho que na época foi 467 votos e num pôde trabaia muito na Reserva porque o prefeito contra é meio complicado mais ele desempenhô foi através dele entrar na política que nós correu pra emancipar São João das Missões. Já na luta da emancipação eu tava junto e eu era funcionário de Zé de Paula e aí tive que afastar. Pra emancipar São João das Missões nós tinha entrar tudo na luta pra é O processo de emancipação. Demorô um tempim mais graças a Deus hoje foi realizado. Eu era funcionário afastei aí nós foi trabaia no....Andar nas aldeia fazeno reunião, eu acompanho ês, aí o grupo de Missões junto com pai criô o processo de emancipação onde teve o peblecito, depois do peblecito aí vei as chapas partidária, aonde pai foi convidado a vice prefeito, antes não pôde trabalhar na reserva porque não teve apoio, mais como vice prefeito, aí onde ele pode fazer alguma coisa pra Reserva através dele na política, a gente sabe que política eu mermo não sô muito de envolver com política não, mais quereno ou não a gente faz parte da política, aí trabaio como vice prefeito, aí teve vários vereador dois aqui da reserva, na época foi Valdim (Valdemar) e eu entrei também, eu era funcionário ai pai colocó meu nome como candidato aí fui eleito, na época o primeiro mandato com 260 votos a gente começô a dá andamento, tá aí o trabaio hoje já vai pra dois prefeito que já passô por São João das Missões que a gente sabe que todos não vão fazer tudo, um pouco que cada um fizer já vai melhorano, a esperança é que chega num dia melhor, eu mermo agradeço a Deus por essa oportunidade que o povo

me deu, trabaiei lá dois mandato a gente não pôde fazer tudo, mais o pouco de experiência adquiri lá, a gente trabalhô pro povo, a gente dá graças a Deus por esse trabaio, que eu creio que vai continuar que vai ter vários outros aí que vai entrar e dá continuidade. Com a morte do meu pai demorô muito tempo pra família superar essa perda, sei que demorô essa mermo agora é a primeira entrevista que a gente tá fazeno pra o trabaio seu e a gente vai fazer o possível pra te ajudar porque pra ele ficar na história, pra mim foi difícil a gente como filho não foi fáço, mais hoje a gente dá graças a Deus, a gente tá veno pessoas que quer reviver a história e que fica gravada na memória do povo.

ENTREVISTA II

Nelson Gomes de Oliveira em 14/04/2019, nascido em 13/12/1982, morador da aldeia Imbaúba II



Nelson Gomes de Oliveira em sua casa no dia da entrevista

Fazendo esse apanhado, essa linha do tempo sobre o cacicado dentro do território Xakriabá, é... Talvez, outras épocas, outros nomes diferentes de cacique, talvez, aí um conselheiro, um comandante, e, chegando essa linha de cacique que eu tive a oportunidade de o meu trabalho de pesquisa, também para a Universidade é... Conhecer mais sobre a linha de tempo de cacique até chegar aí, nosso querido Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão), que, de acordo com as pesquisas, foi feita com várias pessoas, né, um dos caciques que acompanhou o Território Xakriabá, coordenou um trabalho importante no território, esse cuidado da coletividade, esse cuidado do valor do respeito com todo mundo, é ... Gerônimo né,...? que veio da Aldeia Caatinginha e foi morador na Aldeia Imbaúba, então, bem, nesses altos dá região do Olhos D`agua, que tudo hoje é Imbaúba, mais antes era chamada de Olhos D`agua, ele coordenou esse trabalho de cacique por um tempo depois passou né...? pro filho dele que foi o Pedro, que também coordenou o trabalho no território, depois de Pedro, vem já a questão do cacique Manoel Gomes de Oliveira (Rodrigão), então, pegando um pouco essa questão da trajetória dele de vida, de trabalho. Assim, da infância dele, eu num aprofundei muito nessa questão a fundo, mais que ele foi um dos morador aqui da Imbaúba, né/... Filho do João Antônio, então ele morou aqui nessa aldeia, de acordo com seu tempo de vida, ele foi pra São Paulo, pra essas região de prestar serviço né?... Nas firma, é.... Nessa questão da volta dele de lá de São Paulo pra cá, o pessoal já começou a observar as características dele, o comportamento, o conhecimento né?... Devido às viagens pra fora, eles começaram é.... Analisar que ele seria uma pessoa ideal pra representar o povo, né?... Ser um cacique e fazer essas viagens fora do território pra reivindicar a questão do território que tava de ponta a cabeça, já invadido por muitos fazendêros, já tinha essa característica de fazenda aqui dento do território Xakriabá, né?... Então, desse meio tempo, cresceu mais a preocupação do povo em relação a quem poderia tá levando essa demanda pra Brasília, pra FUNAI, né?... Ou pra outros setores, e aí foi onde que eles, é.... Procuraram ele, pra assumir essa função de cacique, de representante do povo e que ele tinha os conhecimento já de fora, mais num queria assumir essa função de imediato né?... mais, analisano, o que o povo queria. Que o povo demandava por esse representante, ele é.... Aderiu a proposta junto com os mais velho da comunidade, com os sábios da comunidade, pra fazer essa mediação entre o povo Xakriabá e as entidades as representações fora tipo a FUNAI, o setor de Brasília né?... Então, é onde começa essa questão de viagem né?... como na época tinha dificuldade de recurso, como hoje melhorou, mais não tá tão bem, mais, antes, era mais. Então, eles reunia os parentes, né?...que eu cito o finado Derado, o finado João e demais pessoas da comunidade, que era junto com ele pra é.... articular e conseguir esse recurso, né?... fazer essa articulação pra que a viage desse certo. Nesse meio tempo, também ele é.... também nessas viage é possível assim, pelo conhecimento que a gente adquiriu com as outras pessoas, nos projetos de pesquisa, na vivencia mermo, que encontrou muita dificuldade né... pra viajar é... foi preciso andar de carona ou até mermo a pé, ou mermo junto com carga nos caminhões, né?... devido à dificuldade as perseguição da época, ele teve que ter muita estratégia talvez andar pela noite, talvez cortar as estradas, né?... as estradas principais, andar por outras estradas menos movimentada pra poder dá conta de chegar até onde era o destino, se era pra Brasília, se era pro Rio de Janeiro, então, é... teve toda essa estratégia de luta de luta pra poder conseguir, né?...

alcançar o que tava de plano de objetivo do povo, né?... então ,nesse primeiro momento, ele começa mais é... fazendo viagem, mais ele, só com outros representantes, mais assim do Xakriabá, ele começa depois aderir essa questão de grupo, que seria importante que outras pessoas também tivesse o conhecimento, de como que era a situação fora, né?... do território, então ele, nesse meio tempo, começa aí fazer esse ponta-pé inicial, depois, ele vai percebendo que é importante que outras pessoas também adquira esse conhecimento, tanto do território que quanto o como que tá a situação Xakriabá ou dos indígenas fora, né?... aí, ele já começa aderir a outras pessoas pra fazer essas viagens que aí, já começa também, é... procurar esse passêro tipo é Sr.Laurindo Gomes de Oliveira, né?... outras pessoas teve a oportunidade também de ir com ele, é...Zeca, né?... que eu conheço de apelido, e aí, ele também fez essas viagens, outras pessoas foram indo, ao longo do tempo, ele teve a oportunidade de aderir outras pessoas mais novas no grupo, tipo Florentino, né?... que a gente conhece por Lorim, que é o meu tio também, ele, no decorrer do tempo, ele teve essa oportunidade de viajar, o Sr. Laurindo também já acompanhou muito nessas viagens, é... Demais pessoas que aderiram à proposta, a forma de trabalho começar também se ajuntar para fazer as viagens, é.... O tio Emilio foi muito de viajar, né?... Foi aderindo, ao longo do tempo, essas questões das viagens. E, quando nós falamos lá, dessa questão do território, sem perder muito o foco, é.... as estratégias de defesa do território, como o território tava tudo de ponta a cabeça, o território tava invadido, o que as pessoas tiveram que fazer? Com essa questão, o incentivo de Brasília, dos representantes legais, né?... Que uma das coisas que, para o território fosse garantido, é que as pessoas permanecesse aqui, criasse estratégia de trabalho, né?... Que foi um dos que eles fizeram, mutirões que reunia muitas pessoas junta, pra poder, é.... trabalhar né?... Porque um grupo mais unido, um grupo mais reunido seria mais difícil de ser dispersado pelos fazendeiros, ou pelos vaqueiros dos fazendeiros, né?... E aí, começô essa ideia de trabalhar os mutirões, onde várias pessoas tivesse ali reunido. Uma das coisas que eu acho importante também a gente colocar é a participação, né?... Que nessa questão do trabalho, umas participava direto e outras indiretamente, que é isso? Que as crianças, por exemplo: as crianças não prestava um serviço pesado da limpeza da roça ou da derruba, mais as crianças seria tipo os observadores, as crianças taria por ali, pra dá um aviso, pra dá um recado se alguém tivesse chegado, as crianças já tavam por ali pra berra das estradas ou algum lugar, atento pra avisar os pais que tava chegando um posseiro, tava chegando um fazendeiro, aí eles iam dá essa questão de aviso, porque a criança é mais fácil de dispersar, no sentido que ver uma criança aqui, vai falar, é somente uma criança, ele não atento no que tá acontecendo, mais as crianças já era uma questão de aviso e já fazia essa função, já tinha essa participação. Falamos da questão do Rodrigão, né?... Nessa questão de confiança mesmo, então é?... Era uma pessoa, né?... Firme nas decisões dele, então ele tomava as decisões dele, não era essa questão de, é.... de lisonja né?... Hoje, é uma coisa, outra amanhã era outra, então, assim, ele tinha essa firmeza, e uma das coisas possíveis também observar nas pesquisas feitas, é que era uma pessoa que não tinha a ambição pela questão do capitalismo, pela questão financeira, ele era mais pela questão de luta mesmo, do bem está do povo que chegô ao momento de ofertar fazenda, ofertar pra ele bens materiais, pra que ele deixasse de lutar, né?... Mais que sempre respondia é que ele não podia fazer isso, porque ele tava era uma traição, ou seja, um enganamento do povo dele,

né?... Ele taria enganano seu povo, se ele fizesse dessa forma de pegar fazenda e deixar de lutar, ele contra o povo, ele taria contra o povo enganano o povo né... Essa acepção de pessoas ele não fazia, atendia todo mundo de forma igual né... Era uma pessoa que trabalhava nessa questão coletiva mermo, um trabalho coletivo onde todo mundo tinha o direito né... De falar, o direito de ser ouvido, o direito de questionar né... De avaliar o trabalho e.... O que a gente resume é que fazia uma gestão democrática né... Uma democracia quando todo mundo participa, quando todo mundo ajuda construir né... Então uma questão de democracia mermo é... Na questão do conhecimento pelo o que a gente tem conhecimento dele era uma pessoa conhecida em boa parte do Brasil né... Devido as viage, devido essa questão da humildade mermo de se abrir pra conhecer, pra conversar com todo mundo né... Era uma pessoa que tem referência né... Uma pessoa que tem nome, então que era uma pessoa do bem, uma pessoa humilde, uma pessoa que prestava um serviço de qualidade né... A questão de como que ele era, era uma pessoa sábia, uma pessoa bem paciente né... E quando enfrenta uma luta num tempo que tudo tava de ponta a cabeça, então a gente só tem que resumir que era corajoso né... Que era uma pessoa guerreira, uma pessoa conselheira. Então nessa questão de participação também a gente tem acompanhado que ele foi uma pessoa que também além de participar como pessoa é... Nos projetos internos da comunidade, também teve essa participação fora né.... Como vice prefeito. Então ele foi vice prefeito há um tempo né.... Foi uma pessoa que também estava envolvido com a questão interna, mais que teve participação externa também né.... Que não é diferente de hoje né.... As pessoas que hoje tá no comando, também tem essa representatividade fora né.... Que é uma questão importante também se ela for bem cuidadosa né.... Que uma vez que a gente tem representação externa é duas coisas que deve ser casada, mais com a questão de muito cuidado né.... E em que momento que eu cuido dessa área externa e, em que momento que eu cuido área interna pra não dá conflito esses choques né.... Então a partir é.... Importante já tratamos de projeto né... Também a construção das primeiras escolas tem muito a ver com os projetos dele junto com mais pessoas que assim quando a gente tá trazendo referência uma pessoa de luta mais é que é uma questão luta participativa né... Onde todas as outras pessoas também se envolveram, teve a oportunidade de acompanhar mais sempre tem alguém de frente pra incentivar, fazer essa busca né... Então assim na construção das primeiras escolas, essas questão desde a escolhas até o acompanhamento dos professores né... Tem a segunda turma do FIEI do Magistério, a gente notô muito essa presença dele quanto na questão dos conselho antes de sair nos incentivo e também nos próprio módulo de curso né... Tava presente, tava participando, então assim é... Eu como uma pessoa é... Que também fui do grupo de professor e , eu acompanhei ele, eu tive a oportunidade de conversar com ele sobre esse possível interesse na área né... E que ele também é.... já falô pra mim que se fosse na questão do projeto de participação, então que o apoio dele já era pra mim, que eu já tava apoiado, embora tinha aquelas questões de participar para os testes, as avaliação da comunidade de direção da escola, mais que ao procurar ele, já deu essa firmeza né... que da parte dele que eu tava apoiado pra trabalhar pra prestar o serviço , então foi uma questão de entrar no serviço com o apoio das autoridades que coordenava o território que teve esse aval, essa avaliação de pessoas importante né... Pessoas que tem uma luta grande é.... sobre a questão gestão territorial, sobre a questão da organização social, ela acontece

quando tem essa participação direta ou indireta de todos que pertence ao território, que pertence ao povo, porque se não é com a participação da maioria não é considerado uma organização social de bases sólida de base firme porque quando se define em grupo é diferente de definir com o povo com a comunidade, então essa é mais um ponto que a gente tem como referência é... Nessa questão do incentivo também porque quando ele na prestação de serviço dele, ele incentiva muita a pessoa pra não vender seu território, embora muitos pela pressão que tava passando né... As vezes essa questão de desespero de perder tudo, as vezes muita gente não é porque ele queria as vezes ele tava pressionado ali ele tava limitado ele tava rodeado de fazenda de gado, de possêro e tudo, então o desespero começô a tomar conta de muitos né... Pra que ele vendesse o seu território, mais o tempo todo ele incentivava pra que não vendesse, pra que segurasse, pra que aguentasse as pontas que as coisas estava sendo resolvida, então assim é.... Até mesmo boa parte de pessoas de minha família venderam e incentivaram outros pressionando que vendesse, porque eles ia perder o seu território, ia ficar sem nada né... E exemplo disso muitos dos nossos parentes vendeu a parte do território foram morá ne Itacarambí né... foram morá na cidade mais vizinha e deixando o seu território, então assim por um lado e pela pressão possibilitô pra que a resistência dos fazendêro dentro do território fossem bem maior né... Porque as pessoas já dentro do lugar pelas pressões tinha vendido, e aí nessa questão de venda que ês fazia, o fazendêro comprava e aí talvez umas duas hectare, cercava três, quatro ou cinco, então assim eles comprava uma parte menor a partir dali ês cercava uma extensão bem maior, os índios não tinha esse conhecimento de tamanho de onde que era o limite de cada coisa. Então assim nessa questão do mutirão até que algumas comunidades, hoje assim por mais que modernizô, por mais que tem o capitalismo tem o dinheiro, mais muitas comunidades ainda usa esse sistema talvez por ter é.... Engajado ali naquele sistema e viu que era uma coisa produtiva por exemplo é.... No Riacho do Brejo há muito tempo um pouco tempo atrás ali no tempo do finado Ermiro, aquele povo ainda era comum usar muito mutirão porque aí, por mais que o dono da roça entrava com a alimentação, com alguma bebida, alguma coisa assim ou os quebra jejum é...Saia mais barato pra porque, num dia ele fazia o que ele fosse ne um mês né... Aí lá ainda trabalhava muito o mutirão, então a questão como funciona, a questão do mutirão, Riachinho também trabalha até hoje o mutirão, aí como que funciona a questão do mutirão. O mutirão é tipo uma agenda, hoje eu vô pra fulano de tal, amanhã eu já vô pra outro fulano de tal, então assim é.... Pra atender aquele povo que faz parte daquela equipe do mutirão. O mutirão é.... circula até quando completá as dez pessoas ou mais que for, aí a questão de pagamento do dinheiro ele só vai gastar o dinheiro com a questão da alimentação, porque ele cada dia ele vai tá passando por um terreno do outro. Essa origem do mutirão nasce duma estratégia de luta né... De resistência, dessa questão de mais unida, tá mais coletiva né... Porque aí é igual o exemplo dos palitos, das varas né... Uma vara só é mais fácil de quebrar, um feixe de vara junto é bem mais difícil de quebrar, então associava essa questão do mutirão, e aí nesse meio tempo, então é nessa preocupação como muito lugar já tava o pessoal já tava deixando aquelas propriedades porque tava sendo invadida ou alguém tinha vendido pro fazendêro é.... Ele determinou que outras pessoas de confiança fosse ocuparem aqueles lugares, então aqui na... Pro lado de cá do Oi d'Água aqui ele colocô padim Teodomiro do lado de cá, do lado de lá ele colocô é.... O finado Satú lá

no auto naquela região já pra que tivesse essa preocupação de proteger o território de forma mais contextualizada que é a questão da água porém é a nascente do Oi d'Água nascia ali, então ele colocô pessoas que ficasse de um lado e de outro pra fazer essa questão da vigilância desse cuidado né... Essa obrigação de cuidar, e aí nesse meio tempo muita pessoa também era ameaçada pela questão dos vaquêro, dos fazendêro né... Que quando alguém tava ali firmano uma casa alguém chegava rancava os pontalete jogava fora, aí as pessoas tinha que fazer tudo de novo igual é.... Padim Teodomiro ele teve dificuldade pra construir a primeira casa dele nesse lugá aqui, porque quando ele enficava um pontalete aí saia pra ir pra casa ou pra outro lugá os fazendêro chegava ou os vaquero chegava rancava e aí nesse meio tempo foi difícil porque muitas pessoa do nosso povo também que era aderido a questão dos fazendêro por causa da algum recurso que recebia ou da função que ele exercia tinha um próprio fazendêro é... Vaquero que era daqui do povo, aí nesse meio tempo essas pessoas ficaram contra quem era daqui porque ele precisava prestar o seu serviço ou ganhava pra aquilo né... Aí então assim muitas pessoa aderiram a proposta de defender, mais muitos também aderiram a proposta de ajudar o fazendêro, e aí ... Essa questão foi uma questão delicada porque quanto pessoas tava lutano pelo território, tinha gente que dava o braço a torcer né... Contra no sentido de acompanhar o fazendêro porque ele tava o beneficiario né... Tava seno beneficiado. Então só voltano lá no trabalho de Gerônimo que a qual assim eu não conheci essa época, mais assim pelas pesquisa, pelas entrevista, pelas conversa com as pessoas mais velhas né... Foi possível construir um panorama ali, uma imagem né... De como que era o trabalho dele de acordo com as falas então assim.... Segundo a uma pesquisa com Sr. Antônio que era Antonim aqui do Olho D'Aguão também já falecido ele contô pra mim que quando é.... Alguém ia colocá uma roça ou fazer alguma coisa teria que tá procurano ele, que ele era o cacique, era representante legal do território aí que que ele fazia, já reunia com as pessoa e perguntava se era, é na frente de alguém, que se fosse na frente de alguém tipo linha de trabalho do outro, ele já não podia fazer, ele perguntava: é na frente do riacho, do rio? Também se for não vai poder fazer, então assim, ele já tinha essa questão dessa ligação de proteção, essa questão do incentivo, essa questão do diálogo com as pessoas né... Que ouvia as pessoa pra entender onde que, ou, onde que ele tava quereno prestar o serviço, se era um lugar legal, se era dum parentesco dele, ou se era de outro porque se for na direção de outras pessoa ele já falava: ó aqui cê não pode trabalhá porque é direção dessa outra pessoa, ou seja, tá à frente da outra, se cê entrá na direção do outro cê vai causá essa questão do conflito, essa questão do desencontro né... Então ele já avisava então assim pelo o que ele contô era uma pessoa também muita aberta pro diálogo, muito aberta pra entender né.... É tomar uma decisão coletiva, pelo o que ele contô que era uma pessoa que tinha muito essa preocupação né... Muito essa questão de trabalhá essa questão territorial, mermo de forma de gestão territorial, de proteger a natureza né... Então é.... Nesse meio tempo também na gestão de algumas pessoa já as intenções dos fazendêro ela permaneceu e sempre permanece até hoje, porque um dos laços que eles criaram de amizade assim disfarçada com os indígenas com o pessoal do território foi essa questão da união né.... União essa de casamento de juntá de amigá né... Que eles entendia, que se eles fizesse essa questão de amigá pessoas junto, aliar os indígenas dessa forma seria uma questão mais confiá, falá: não já tem alguém da família que faiz parte do grupo, então

possibilitava pra de certa forma os fazendêro desfrutava aqui dentro, teria alguma coisa que chamaria a atenção deles, e uma coisa que mais me marcou foi essa questão deles associar a questão álcool né... As autoridades do lugá, pra tenta dispersá né... Enquanto eles fazia as ações dele de parte documentaria que uma das questões que ficô bem clara aí foi a questão de tentá é.... distorcer, ou seja, tentá é.... Roubar melhor pra que uma palavra que a gente as vezes acha pesada, mais assim pra quem fez essas ações é uma questão do roubo do documento, da cópia do documento, porém esse documento já tava registrado em cartório diferentes né.... Como a questão do Rio de Janeiro, como a questão aí de Brasília né... Então ele já tava registrado em vários lugares, mais eles entendeu que se ês pegasse essa cópia do documento eles tava resolvido a questão território, que aí o território já passava a ser deles né... Vem a questão do laço amizade, vem a questão do laço das bebidas alcoólicas junto né.... E que se a gente for analisar não é diferente de hoje né... Por exemplo: Hoje tem muitas pessoas de fora aliados aos indígenas no sentido de casamento, de união né...Tem essa questão do álcool também que tá muito associado, então ela é uma questão que criou tipo uma raiz, uma cicatriz né... Que permanece até hoje num curô essa questão da ferida, no sentido do que aconteceu lá antes, ela continua acontecendo.

ENTREVISTA III

D. Hercília Ferreira de Oliveira em 14/04/2019 na aldeia Imbaúba II, nascida em 02/09/1948



D. Hercília em seu quintal no dia da entrevista

__ A senhora conheceu o Rodrigão desde criança?

__ A entrevistada Hercília responde: Foi, moço, nós cunhecia derde novo nós cunhecia o finado Rudrigo, era moço.

__ Entrevistador Zezuel pergunta: Rodrigão é parente da senhora?

__ Entrevistada Hercília responde: Ele é ti de nós, ele é irmão do finado pai de nós, moço. Condo ele chegô do Som Palo, ele condo ele era rapais novo, novim. Condo ele chegô do Som Palo, o pai dele num cunheceu ele não, o finado Rudrigo, o finado João Antônio, quem troxe ele aí foi o finado Santo, aí disse que chegô mais ele, aí ele disse assim ó... Eu truxe um homo aqui mode ocê cunhecê, aí disse que foi cunvessano, o finado

Santo tirô cada uma risada mô, era o finado Rudrigo que ele chegô e abraçô cum ele, já tava rapazião já mô, mais condo ele saiu ele ainda era mais novo, finado Rudrigo mô. Nesse tempo, num tinha radi não,era difiço. Minino e o finado tii Estevo esse povo só fartô foi morrê mode radi, condo ele chegava o povo num dava quais valô, a gente ia lá pá casa do finado tii Estevo ês invurvido cum esse radi cum o radi que o finado Rudrigo troxe. Pois é, era assim, aí foi ino até ês istuciô esse negoço pá mode saí pá essas terra, minino na casa do finado tii Estevo, mais também de gente fazia intê medo.

__ Entrevistador Zezuel pergunta: E o finado Estevo era parente próximo do Rodrigão?

__ Entrevistada Hercília responde: Era tii do finado Rudrigo, que o finado João Antônio era irmão do finado tii Estevo. Esse povo aí do Morro Faiado pá ir pu Tapicurú esse povão tudim vinha pá ir pa Barra tudi inchia tudim de gente. O povo ajuntava tudim pegano dinhêro, dava dinhêro pó finado tii Estevo, que nesse tempo as coisa era tudo barato, baratim. Esse povo tudo dano dinhêro pó finado Tii Estevo mode ele saí pa fora, pa mode essas terra, moço ajuntava mais era gente dumas medidas era o intirizim intê dinoite o povo, o finado Geneis era amigão do finado tii Estevo, eu cunheci ele moço, o finado Geneis era tii de mãe era um homo, ele já tava véi, era assim direto esse povão na casa do finado tii Estevo mais era gente, condo ês saia o finado Rudrigo passava era pa Montarvona num tinha esses lugá pa mode ir não.

__ Entrevistador Zezuel pergunta: A Sr. Se lembra a época que Rodrigão entrou como cacique?

Entrevistada Hercília responde: Ele entrô logo, porque ele era muito sabido, né?... Num tinha um que nem ele não, mais de homo sabido era ali, aquele ali só mermo Deus e nossa senhora, na época da luta fazia intê medo, nós num ficava em casa não, só ficava mermo as muiê e os homo ia tudo pa ajudá ele, aí, moço, condo foi um dia, ele... Ele disse assim, ó, ur minino ocês vai pá ficá mais eu, aí ur minino foi o finado Benvino, Vicente, esses povo aqui da redó, ia tudim, nós dizia, eu que num vô dento de casa, nós durmia era pa culá ó... cumedo mô avemaria, colece durmia ficava é lá, condo ês saía pegava contudo que é santo, finada Chiquinha dava o santo pa ês, mais fazia intê medo, condo foi esse negoço, aí feiz medo, aí na onde o finado Rudrigo morava feis medo, o povo pessequino e de gente tudo armado lá esses que era os contra ele.

__ Entrevistador Zezuel pergunta: A Sr. Se lembra de algum momento da infância de Rodrigão?

__ Entrevistada Hercília responde: Assim condo nós deu pa conhecer ele ra tava grande, uma veis ele brigó mais Vicente. Ele feis o finado Rudrigo chorá foi ês tava brigano nú camim, daí disse que ele arrumô o cutuvelo assim na boca do estambu dele, ele garrô chorano, condo Vicente oió evém o finado João Antôio, o pai de Rudrigo, mais o homo tinha o carão ruim dimais, condo dava benção ele só fazia, ruum, ele num ricebia direito não, só que era o finado tii Estevo que era mais alegre que era irmão do finado João Antôio. Na parte de brincar cum o finado Rudrigo, nós num brincava porque ele morava mais longe, aí foi que nós fumo dá pa cunhecê ele. Condo ele vei mermo do Som Palo aí

agora foi que ficou bom mais ele, mais tudim era é... Na época que Rodrigo entrou pa cê cacique foi muito difiço, porque era fraco, num tinha recurso, assim de saí pa buscá nosso direito, aí era o finado tii Estevo que saía pidino ajuda o povo disse que os povo ajuntava, disse que era fazeno ajuntamento na casa dele reunia todo mundo era homo, muié pa ajudá disse um trazia era tapioca, era farinha, galinha, cada um dava uma coisinha pa mode vender pa tirá o dinheiro pa dá ele pa viajá condo era pa ele viajá, condo era pa ele ir pa Brasila, aí disse que ajuntava esses dinhêro condo era pa viajá, disse que ês saía de madrugada cum ele escundido aqui pu lado da Iúma, p aqui mermo coquer nutícia que ele sabia vinha, aqui era o lugá que ele num saía, na época que ele foi cacique ele morava aqui ainda, condo ele entrô de cacique ele num era casado não, mais disse que era gente quereno casá cum esse homo.

para fazer este livro quero
 dizer a todas que ele ler
 que não era formado em
 curso não.
 em pedi A Deus e tupa
 para me dar estas poucas
 inspirações para Relatar a
 historia de grande luta do
 ês cacique Rodugão.

Aqui eu ven dar uma parábola
 porque não dá para escrever
 tudo hoje não. Moisés numa
 outra oportunidade eu.
 Terminei de falar do Bem.
 Trabalho Realizado pelo o
 ex-cacique Xocriabrã.
 Manoel Gomes de Oliveira
 conhecido por Rodugão.

Livro escrito pelo o indio
 MAC
 ASS. MAC
 Manoel Araujo Carneiro
 Aldeia Borreiro

Parte dos escritos de Manoel de Araújo Carneiro, folha 9, com assinatura do autor.

D. Rosa

Esposa do cacique diz que luta não foi envão

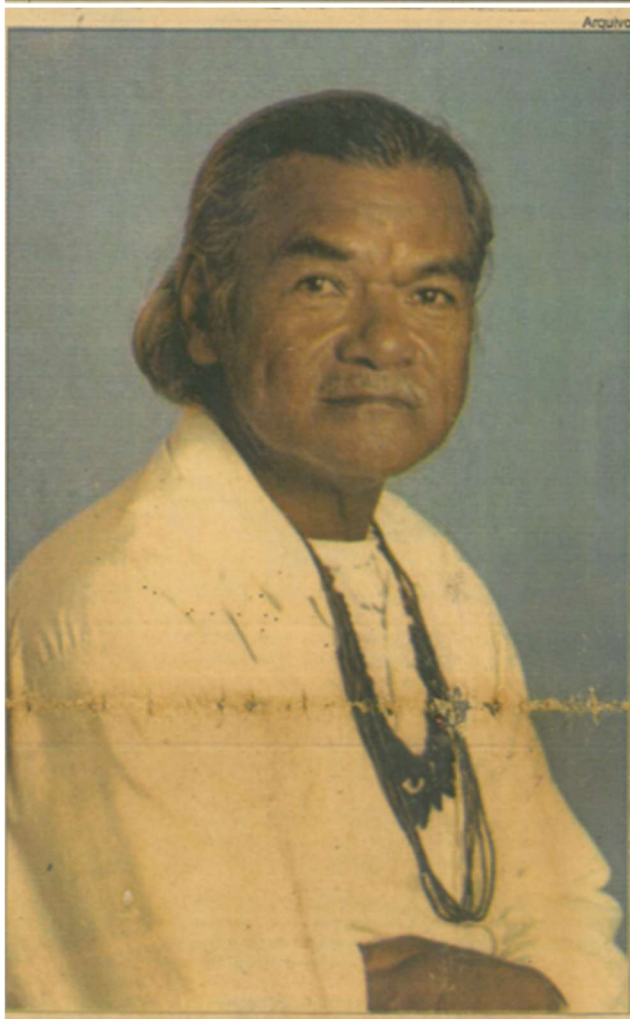
A viúva D. Rosa de Araújo Oliveira tem 57 anos de idade, 38 dos quais vividos ao lado do marido Rodrigo, união que resultou em 12 filhos (seis vivos) e 13 netos. Ao VALE DO SOL, lembrou que desde que conheceu o líder indígena pôde testemunhar sua luta incansável pelo reconhecimento de seu povo. "Na verdade, a família dele sempre foi toda a nação Xacriabá. Rodrigo nunca pensou isoladamente. Só enxergava o bem comum" - recorda saudosamente D. Rosa, para quem Deus sabe o que faz quando leva para junto de si pessoas como o líder indígena.

Frisou que o momento é de muita reflexão e que a luta de Rodrigo não foi envão. "Com certeza, nós que ficamos sabremos seguir os seus ensinamentos. A união do grupo, nessa hora de dor, é tudo que poderia desejar o nosso cacique" - opinou a viúva, lembrando que a nação Xacriabá precisa ser forte o bastante para vencer mais este momento difícil, embora reconheça que a perda do marido provocará uma dor muito forte nos corações de cada um de seus índios.

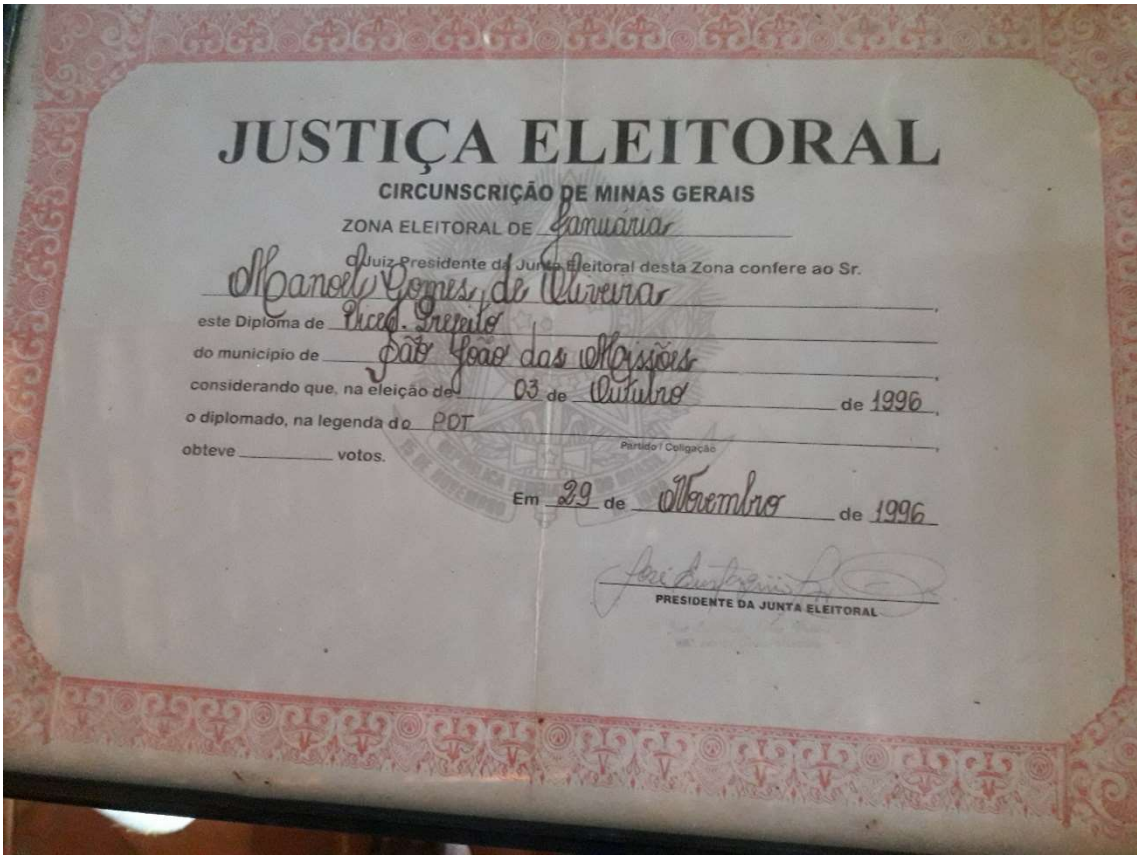
D. Rosa, 38 anos ao lado de Rodrigo: companheira de todas as batalhas



Fotos: Emmanuel



Arquivo



JUSTIÇA ELEITORAL

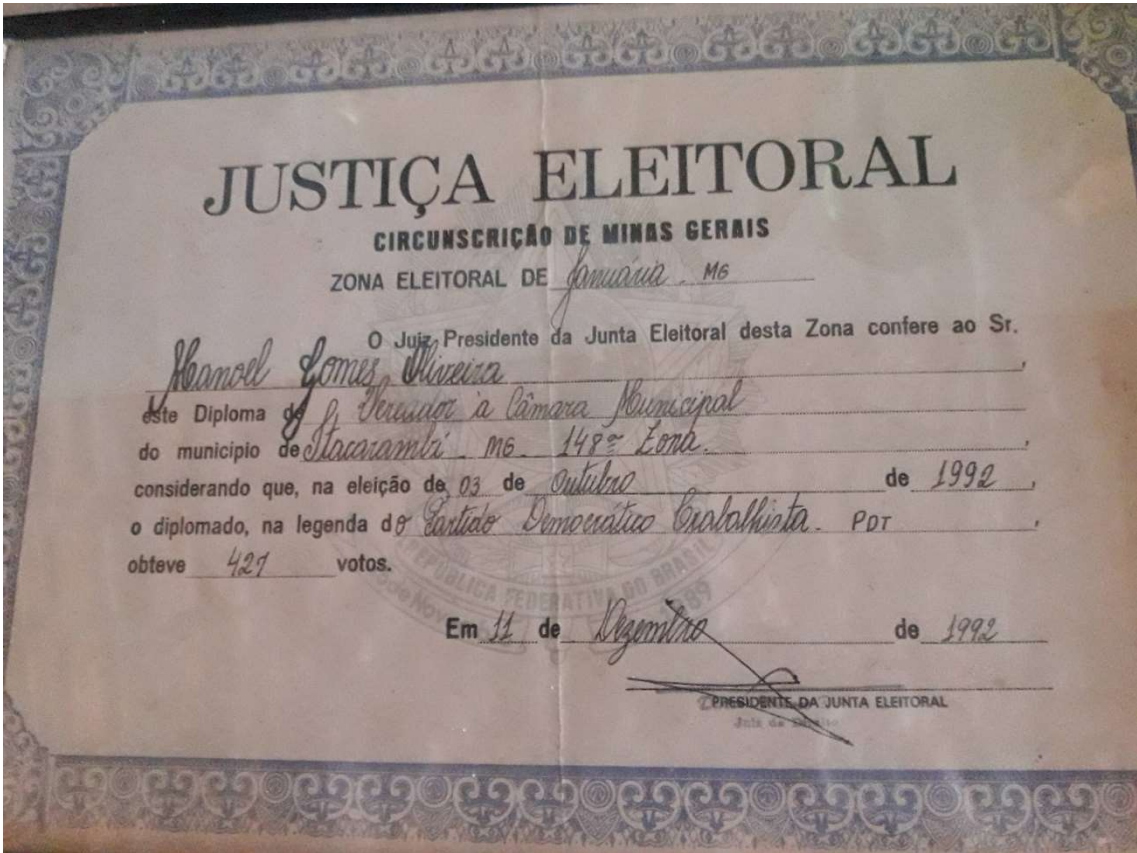
CIRCUNSCRIÇÃO DE MINAS GERAIS

ZONA ELEITORAL DE Januária

O Juiz Presidente da Junta Eleitoral desta Zona confere ao Sr. Manoel Gomes de Oliveira
este Diploma de Vice-Prefeito
do município de São João das Missões
considerando que, na eleição de 03 de Outubro de 1996
o diplomado, na legenda do PDT
obteve _____ votos.

Em 29 de Novembro de 1996

[Signature]
PRESIDENTE DA JUNTA ELEITORAL



JUSTIÇA ELEITORAL

CIRCUNSCRIÇÃO DE MINAS GERAIS

ZONA ELEITORAL DE Januária M6

O Juiz Presidente da Junta Eleitoral desta Zona confere ao Sr. Manoel Gomes de Oliveira
este Diploma de Conselheiro a Câmara Municipal
do município de Itacarambi M6 148ª Zona
considerando que, na eleição de 03 de Outubro de 1992
o diplomado, na legenda do Partido Democrático Cristão PDT
obteve 427 votos.

Em 11 de Novembro de 1992

[Signature]
PRESIDENTE DA JUNTA ELEITORAL